

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1940

N.º 5

AS PROVAS DA IMORTALIDADE

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

NÚMEROSOS argumentos ⁽¹⁾ têm sido apresentados a favor da imortalidade, embora muitos dêles só sejam válidos para quem já crê implicitamente nela. Os argumentos dos teólogos fundam-se quer na natureza da alma humana (simples e espiritual), quer nos atributos de Deus (sabedoria, bondade, justiça, santidade) e por isso carecem de valor para quem se não identificar com aquêles conceitos.

No entanto, examinaremos sumariamente êstes argumentos :

1) Argumentos intrínsecos :

- a) *Simplicidade da alma* : a alma humana, sendo simples, não pode destruir-se por dissolução dos seus elementos. (Êste argumento encontra-se já no *Fédon* de Platão).
- b) *Espiritualidade da alma* : a alma humana, sendo espiritualista, é intrinsecamente independente da matéria e não pode destruir-se pela dissolução desta.
- c) *Desejo de imortalidade* : ⁽²⁾ o desejo de imortalidade é um claro indício de que a imortalidade existe. (Argumento *a-posteriori*).

2) Argumentos extrínsecos : Se o aniqui-

lamento fôsse possível, só poderia ser produzido por uma causa externa e transcendente, isto é, por Deus, e isso estaria em contradição com os seus atributos :

- a) *a sabedoria* : porque representava a destruição da sua própria obra que assim teria sido inútil ;
- b) *a bondade* : por nos fazer vislumbrar uma felicidade illusória ;
- c) *a justiça* : por não permitir as devidas compensações e sancções morais ⁽³⁾.
- d) *a santidade* : por faltar um estímulo eficaz à prática da virtude.

O argumento de Descartes que se funda na substancialidade da alma, é pouco consistente. Duns Scot — o doutor subtil — pen-

⁽¹⁾ Alberto, o Grande, apresenta-nos 36 na sua obra *De natura et origine animae*, I, 2.

⁽²⁾ «Os seres dotados de inteligência desejam naturalmente existir sempre, e um desejo natural não pode existir em vão.» Tomaz d'Aquino, *Summa Theologiae*, I, 75, § 6.

⁽³⁾ Rousseau escreve: «Ainda que não houvesse outras provas a favor da imortalidade da alma além dos triunfos dos malvados e das perseguições dos bens, isso bastava para me desfazer tôdas as dúvidas. Esta nota tão dissonante na harmonia universal forçar-me-ia a concluir que com a morte não acaba o homem todo, antes tudo reentra na ordem.»

sava que a imortalidade não podia ser demonstrada pelas *luzes da razão* e por isso fazia dela um artigo de fé.

Há, porém, um conjunto de argumentos que não implicam quaisquer hipóteses acerca da natureza da alma humana nem dos atributos divinos, e que, por isso mesmo, têm maior valor demonstrativo. São êsses argumentos que nos propomos ennumerar agora de uma forma esquemática :

1 — O *desejo de imortalidade* é um impulso natural em nós ao qual é legítimo atribuir um sentido realista, dada a sua intensidade e indestrutibilidade, independente do juízo que possa fazer-se da sua possível satisfação. Isto mostra que êle não resulta de uma particular interpretação metafísica.

2 — O *culto dos mortos e a crença nos espíritos*, são factos que, pela sua universalidade, constituem valiosos argumentos a favor da imortalidade.

3 — A *actividade espiritual transcende a actividade orgânica* e é portanto legítimo supor que não dependa essencialmente desta.

4 — O *sentimento da individualidade*, que subsiste através-de incessantes mutações, implica um princípio de permanência necessariamente independente do organismo físico que está em constante transformação.

5 — O *psiquismo humano pode manifestar-se durante a vida independentemente do organismo físico*, como por exemplo nos fenómenos telepáticos e metagnómicos : nada impede, portanto, que sobreviva à morte orgânica.

6 — A *simples possibilidade do conhecimento progressivo* requiere que haja um subs-

tractum permanente que permita a transmissão e a acumulação sucessiva e contínua da experiência através das diferentes gerações, pois a experiência é, por natureza, pessoal e intransmissível. Esta necessidade é tão imperiosa que os materialistas têm imaginado as mais variadas teorias da hereditariedade para explicarem certas transmissões. De outro modo, a experiência de uma geração seria inaproveitável para outra, por lhe ser inacessível. Concebe-se assim a vida como um fracasso de desenvolvimento indefinido de potencialidades latentes.

7 — A *desigualdade inicial de tendências e aptidões*, singularmente manifesta nas «crianças prodígios», são uma forte presunção a favor da preexistência.

8 — A *necessidade* que o sentimento de justiça nos impõe de *haver um sistema adequado de recompensas e de sanções*, para restabelecer o equilíbrio moral com a vida no mundo, só pode ser satisfeita com a sobrevivência. Não se invoca, evidentemente, um atributo divino, mas um sentimento humano, como não se vislumbra uma justiça divina, voluntária, porém, automaticamente regulada por um mecanismo de reacção correspondente aos actos praticados por cada um.

9 — A *desigualdade de condições em que decorre a vida dos humanos* e que a simples sobrevivência não pode explicar, implica a necessidade moral da preexistência.

10 — As *experiências de regressão da memória*, fornecem a prova experimental da preexistência.

11 — Os *casos de identificação dos espíritos de defuntos* constituem a prova experimental da sobrevivência.

PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS DO ESPIRITISMO

Pelo Dr. Gustave Geley

No nascimento, o Espírito toma posse de um organismo novo para dar continuidade ao seu progresso.

*

A memória dos estados precedentes, fica mais ou menos latente, durante cada encarnação, para reaparecer após a morte, tanto mais extensa, quanto mais evoluído fôr o individuo.

*

O perispírito é o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, cuja finalidade é tripla :

Manter indestrutível e intacta a individualidade ;
Servir de abstracto ao corpo físico, durante a encarnação ;

Constituir o laço de união entre o Espírito e o corpo físico, para a transmissão recíproca das sensações de um e das ordens do outro.

*

A Alma conserva intacta a sua individualidade, mercê da sua união indissolúvel com o organismo flúidico, chamado corpo astral ou perispírito, que evolue com ela.

CRÓNICA

De Carlos Imbassahy



DR. CARLOS IMBASSAHY

O Dr. Carlos Imbassahy, redactor-correspondente de Estudos Psíquicos no Brasil, é um dos mais valiosos paladinos da Causa, em terras de Santa Cruz. Antigo director da Federação Espirita Brasileira, actualmente secretário do Reformador, órgão da mesma Federação, e do grande semanário Mundo Espirita, os seus artigos notáveis honram quasi todas as publicações espiritas estaduais e caracterizam-se por elevado espirito crítico, aliado à mais bela tolerância. Nunca a sua pena revidou ataques. Limitou-se, apenas, a apagar golpes dirigidos à Doutrina, com serenidade e boa disposição, e a dar, em troca, verdadeiras lições de Espiritismo aos adversários, que podia, facilmente, amachucar, com a superioridade da sua dialética, se não preferisse demonstrar que as ideias devem discutir-se, em obediência às normas da boa educação.

Os seus livros «A Margem do Espiritismo» e «O Espiritismo à luz dos factos» dão ideia exacta do seu talento e das suas possibilidades. Quem quiser responder aos nossos detractores, adquira estes livros, pois nêles encontrará elementos indispensáveis a tão difícil tarefa.

Estudos Psíquicos tem, assim, mais um companheiro de trabalho, disposto ao sacrifício, pondo a sua inteligência ao serviço do nosso programa e provando, com a sua presença, a necessidade do intercâmbio espirita luso-brasileiro.

Realmente, é quasi de espantar, senão de assombrar, o ocupar-se alguém de assuntos que não rastejem pela trivialidade das secções mundanas, que não tragam o vírus das paixões que envenenam a alma e perturbam os organismos, que não contendam com um interesse subalterno, que não representem uma tentativa ao erário.

Raro é o publicista que perde suas horas com os altos ideais da humanidade.

O de que se cuida é unicamente do assunto do dia, momentâneo, fugaz, que desaparece com o pôr-do-sol, para dar lugar a outro, que surge no dia seguinte com o astro luminoso. Não há uma ideia, não se defende um princípio, não se atinge um fim.

E quando algum artigo se ressentir de impetuosidade, quando se nota nele calor e ve-

mência, não é nunca um grande ideal que se colima; o que está em jogo é uma questão minúscula, eivada de partidarismo, é um caso de interesse privado, é uma competição de nomes que, em vez de levar a grandes empreendimentos, conduz às lutas sem glória, a intrigas sem intermitência, a rancores sem tréguas, a revoltas sem bandeira.

Assim foi que sobremaneira nos impressionaram, certa vez, duas colunas de «O País», onde o sr. Ribeiro Gomes dizia que o internacionalismo é hoje uma ideia vitoriosa, entre as almas privilegiadas, que sabem aliar o sentimento de um coração à potência de um cérebro. Falo de internacionalismo, como de confraternização entre os povos, sem a aceitação que se costuma dar ao vocábulo.

Não conhecíamos o sr. Gomes Ribeiro.

Melhor apresentação não poderíamos ter, que a leitura do seu artigo, onde se percebe, através da forma trabalhada, um dêsses espíritos que buscam sempre as alturas, fugindo à triaga das paixões terrenas.

O articulista comenta e enaltece a fundação do «Círculo Ibero-Americano» que, «num gesto largo de visão aquilina, começa por declarar que não lhe prendem as asas questões de carácter político ou religioso. Respeita muito a religião para trazê-la ao recinto profano de um grémio cultural e despreza suficientemente a política, para não infectar o ambiente com suas discussões bravias e ódios estéreis».

Os artigos daquele «Círculo» que chamaram a atenção do ilustre escritor foram os que despertaram a nossa e devem despertar a de todos os que ainda sonham para o género humano dias mais felizes: o combate às guerras de conquista; a união dos povos, a propaganda da paz; a abolição da comemoração de datas que recordem batalhas e feitos guerreiros; a restituição dos trofeus; o perdão das dívidas de guerra.

O combate à guerra de conquista já é um grande passo. Passo maior ainda será o combate a todas as guerras, a todas as lutas armadas, a todas as sedições, a todos os fermentos revolucionários, a tudo aquilo que conturbe a felicidade dos povos, a tudo que seja causa de intranquilidade e temores, a tudo que acarrete perda de vida e de bens, a tudo que contribua para a lágrima, para o luto, para a dor.

Parece incrível que tantos séculos se tenham passado sobre a face do planeta e que ainda hoje sejam poucos os que combatem a guerra, os que se insurgem contra a guerra, os que só vêm na guerra uma fonte de calamidades.

Bella matribus detestata, dizia Horácio. Não só das mãis, mas de todos aqueles que possuem um ente caro, um ente que se pode perder em agonias terríveis, deve ser ela, a guerra, detestada.

Basta que nos lembremos que esse ente caro, a serviço de uma pátria guerreira, de um governo belicoso, está no dever de matar, possua embora sentimentos delicados, tenha uma alma votada, apenas, ao bem do seu semelhante. E está no dever de morrer, quando a vida lhe sorri nos deslumbramentos da natureza, nos atrativos da arte, nos ful-

gores da juventude, quando o retém ao mundo a lembrança de um pai, o amor de mãe, as carícias da esposa, o beijo dos filhinhos.

E ele marcha, contra sua vontade, contra sua consciência, contra os ditames do seu coração, impelido por um patriotismo convencional, sem às vezes saber o que vai defender, por que vai guerrear, ou de que vai morrer.

E atira-se contra um irmão, filho, como ele, do mesmo pai, Criador de tudo, procura ferir de morte a esse irmão, sem o conhecer, faz-lhe mal sem ter-lhe ódio, será a causa da sua ruína, da sua desdita, inutilizá-lo-á para sempre, sem nunca dêle haver recebido uma ofensa, uma agressão, o menor sinal de hostilidade. Ou é o outro quem o fere, a punhal, a tiro, ou o submerge no fundo escuro das águas, ou o deixa soterrado com a explosão das minas, ou o ensurdece com o estampido dos canhões, ou o estonteia com a fumaça das bocas de fogo, ou o cega no envolvimento dos gases asfixiantes, ou o dementa no horror, no torvelinho da peleja.

¡Soberbo quadro para os Estados Maiores! Mas as chagas, ao ferido, ninguém lhe linimenta, as dores ninguém lhe tira, os membros estropeados ninguém os recompõe, a vista ninguém lha esclarece, a vida, ninguém lha restitue.

Se sobrevive mutilado, onde quer que seja, é um indesejável. ¡Lucraria, mesmo, a Pátria, com sua perda, ou a de milhares, ou a de milhões de outros filhos?

Que o digam os exemplos da História. Que o diga a Babilónia, a Pérsia, a Macedónia, a Grécia, Roma, o Império de Carlos Magno ou a França de Bonaparte, ou a Alemanha de Guilherme II; que o digam todos esses estados poderosos de ontem e de hoje, monumentos de força, de vaidade, de arrogância, de insolência, que todos tombaram, que todos se desfizeram, que todos pagaram caro a sua soberba e tirania, como hão de tombar, como hão de se humilhar, pelos tempos fora, os que não quiserem compreender que a verdadeira força, que a verdadeira felicidade, só residem nas lutas do progresso, nos labores da paz, nas acções do bem.

¡Grandioso programa o do «Círculo Ibero-Americano!» É o esquecimento de antigos ódios e rivalidades internacionais.

Pretende ele apagar da memória das nações as velhas inimizades, assim como se apa-

EMBUSTOSOFIA

pelo Coronel Faure da Rosa

Surgem as apócrifas comunicações de espíritos-guias, em mensagens superabundantemente parvas, tendenciosas, que só podem impressionar os tímidos, ou os que não conhecem o Espiritismo na sua portentosa grandeza, na sua pujança e na sua acção excelentemente confortadora...

Mas, se, de um lado, é a ignorância que impera, de outro — o mais grave — é a má fé que se evidencia, com objectivos indecorosos de lesar os incautos...

Seria um crime da parte de quem conhece a doutrina, deixar de apontar as mazelas que por aí se verificam...

Eduardo Leite de Araújo

(«Mundo Espirita», de 23-IX-1939, Rio de Janeiro).

NA América como na Europa. Luigi Pirandello, em «O falecido Matias Pascal», apresenta uma sessão espírita adrede preparada por um charlatão. Nessa sessão, sem luz, enquanto os namorados aproveitam a escuridão para se beijarem e tatearem, o charlatão, director da sessão, bate na amante — que é a médium — por ela se recusar a trapalhar de maior monta, e serve-se da fraqueza mórbida dum irmão valetudinário para se apoderar de doze mil liras.

A crença espírita é ali representada pela personagem do romance Anselmo Paleari, que tem uma concepção muito sua e muito original da vida humana: ao contrário das árvores — diz elle — os homens têm o triste

gam no coração dos homens, ao despontar das alvas, as cicatrizes que lá haviam deixado as paixões da mocidade.

¡Grandioso programa!

Ainda é muito cedo para que o admirem os homens que hoje atravessam a vida, preocupados com a sua materialidade. Mas ficará para a admiração dos pósteros, tal como as maravilhosas descobertas da ciência ou as grandes inovações da arte, que passaram despercebidas ou se viram alvejadas pelo ridículo, ao tempo em que foram incluídas no património da humanidade.

privilégio de se sentirem viver com a bela ilusão que daí resulta. Quere dizer, os homens podem objectivar o seu sentimento interior da vida, que é imutável e varia segundo os tempos, o caso e a sorte de cada um.

Esse sentimento da vida era, para Anselmo Paleari, como uma lanterninha que cada um tivesse acêsa dentro de si. A esta concepção filosófica — a de Paleari — deu Pirandello o nome de *lanterninhosofia*, ou seja a sabedoria das lanterninhas.

As tais lanterninhas que, segundo Paleari, cada um de nós tem dentro de si, presumo eu que deverão dar mais ou menos luz, por mais ou menos tempo, consoante a natureza da construção da *lanterninha* de cada qual e a qualidade e quantidade de óleo que a alimente.

O mistificador, esse, devia dispor dum bom lanternão, cheio de óleo, forte, potente, que ofuscava as anémicas lanterninhas dos crédulos papalvos. Se acontecia a médium não manobrar em conformidade com as suas instruções, o charlatão dava-lhe com o lanternão nos queixos, que é como quem diz que lhe pespegava um sôco que a deixava amolgada durante um bom bocado.

É a estouta filosofia — a do embuste — que eu chamo *embustosofia*, ou seja a *sabedoria do embuste*, cuja doutrina anda muito espalhada e é praticada em todo o mundo por criaturas de ambos os sexos, que se dizem *médiuns*. Persuado-me que, entre nós, os *médiuns* que mais abundam são os diplomados na *embustosofia*.

Há médiuns profissionais, isto é, médiuns que vivem do exercício da sua simulada mediunidade, que meia dúzia de néscios apreço como verdadeira. Uns têm ordenado estipulado; outros arrecadam um tanto por cabeça, e há ainda uma outra classe — os que mais alardeiam sinceridade — que, apenas, recebem presentes, lembranças e convites para almoços, jantares, chás, convencidos de que ouro é o que ouro vale e que, assim, dá menos nas vistas.

À semelhança da sociedade chique que tem

os seus chás dançantes, a sociedade de crendeiros num falso espiritismo, tem os *chás das mesas falantes*, que, no fim de contas, também dançam, e de tal maneira as fazem dançar, que as mesas mais parecem dobadeiras.

Mas onde o embuste é mais freqüente e retumbante, é nos *médiuns de pseudo-encorporação*, se bem que para exibições desta natureza seja necessário dispor de qualidades histrônicas. Como, porém, as plateias habituais destes espetáculos não são exigentes, nunca há pateada.

Havia uma médium — mulher interessante, por sinal — que uma vez por outra, praguejava como um carreão, talvez por assim supor que mais facilmente seria acreditada. Em outras ocasiões, atirava este lembrete aos espectadores, com um ar de grande convicção: «Vocês são todos uns parvos!» Percebia-se logo que — neste caso — ela dizia uma verdade que não carecia de ser averiguada.

São *médiuns* deste jaez que *conseguem* que alguns santos de mais nomeada sejam *guias* dos seus grupos. Sessões houve em que os *santos-guias* faziam aparecer... nada menos que Jesus Cristo e a Virgem Maria!

A variedade mais fértil da *embustosofia* brota do sistema da *parceria embustosófica*. Dois espertalhões — em regra são espertalhonas — associam-se para a exploração lucrativa das suas mistificações mediúnicas: uma colhe informações, pormenores, acerca de determinado defunto, parente ou amigo dum dos freqüentadores das sessões; a outra — a que tem de exercer as funções de médium — faz a narrativa dramatizada com os gestos peculiares do defunto que ela diz encarnar.

E, assim, governam a vidinha à custa dos... parvos, como dizia a outra médium, com muita razão.

É claro que estes *lanternões* da aldrabice só conseguem alumiar os grupos, onde os seus componentes sofrem de ignorância crassa e de estupidez natural.

São esses aldrabões, admirados por público tão ignaro, que desacreditam o Espiritismo.

As comunicações de real transcendência são raras, porque raros são os médiuns de categoria. Na maioria dos casos, as sessões são duma pobreza de confranger. E quanto à demonstração científica dos fenômenos espí-

ritas, já Aksakof notara que a banalidade das comunicações e a pobreza intelectual do seu conteúdo; o *carácter mistificador e mentiroso da maior parte das manifestações*; a credulidade, a admiração e entusiasmo irreflectidos de muitos espíritas, e, enfim, a *fraude, não* fazem, senão agravar as dificuldades do problema.

Conta o Dr. Charles Richet (*Traité de Metapsychique*, pág. 580) que desde que as irmãs Fox procuraram tirar proveito das suas faculdades mediúnicas, por toda a parte, mas especialmente na América do Norte, o Espiritismo foi considerado por certos indivíduos, como mina de lucros fartos e inesgotáveis. Em toda a parte a credulidade do público tentava a cupidez dos trapaceiros.

Houve sessões públicas, onde se davam representações espíritas pagas, como em qualquer teatro ou circo. Em cena, apareciam fantasmas que, aproveitando-se da ingenuidade infantil dos assistentes, desciam do estrado para se fazerem reconhecer por alguma infeliz mãe, convencida de que recuperara o filho perdido naquele maquiavélico fantoche.

Abriam-se lojas, onde se mercadejavam fotografias espíritas. Ia-se a um ou outro fotógrafo que, pegando num clichê, apresentava ao cliente a imagem fotográfica de feições vagamente definidas, onde o cliente crédulo acabava sempre por encontrar o que procurava.

Fotógrafos e médiuns deste quilate constituíram-se em parceria *embustosófica* para realizarem sessões, nas casas de gente endinheirada, mediante retribuição avultada.

O perigo da experimentação supranormal está na fraude. Mas, visto que assim é, necessário se torna tomar todas as precauções possíveis contra tal descaro, para o que é indispensável rodear o médium duma vigilância apertada, rigorosa e constante.

Há, porém, fraudes inconscientes, porque oitenta por cento dos sensitivos que editam automaticamente «mensagens transcendentais», não são médiuns, mas *pseudo-médiuns*; isto é, sensitivos hipnóticos no comêço da fase da desagregação psíquica, com a emergência duma forma insípida de automatismo, forma que dá lugar a interferências sugestivas e auto-sugestivas ou ainda a imposições de espíritos inferiores.

Mensagens transcendentais que não se apoiem em excelentes provas de identifica-

ção, não são de aceitar. Na maior parte, as comunicações espíritas vulgares são compostas de lugares comuns, de respostas sem interesse, de raciocínios cujo valor não excede as faculdades normais do médium, ou, ainda não passam de absolutas banalidades.

Diz Léon Denis que quem quiser praticar o Espiritismo deve, primeiramente, estudar a teoria; depois, convém que possua um conjunto de qualidades raras vezes reunidas no mesmo indivíduo: perfeito equilíbrio nervoso, sangue frio, ponderação, prudência, juízo seguro, espírito crítico, cauteloso e sério.

«Se a curiosidade, a frivolidade, a brincadeira se misturarem nessas experiências, aqueles que assim procederem serão vítimas de espíritos ligeiros, ainda muito agarrados à matéria e que pairam nos planos mais próximos da terra.

«O Espiritismo não deve ser julgado pelas experiências das *mesas falantes*, mas pelas investigações feitas em todos os países, por sábios ponderados e de boa fé».

As comunicações apócrifas reconhecem-se com relativa facilidade pela redacção defeituosa e certas minúcias reveladoras de embuste.

O objectivo essencial do Espiritismo — escreve Léon Denis — é a prova experimental da sobrevivência da personalidade humana. É, pois, necessário provocar as provas e, depois de obtidas, coordená-las e investigar cada uma de-per-si.

A investigação deve ser auxiliada por um controlo rigoroso e metódico. Todos os factos, venham donde vierem, devem ser passados pelo crivo dum exame imparcial, precavendo-nos, assim, dos perigos da credulidade fácil e das afirmações prematuras.

A acção do Espiritismo tem que exercer-se em todos os domínios: experimental, doutrinário, moral e social.

A fé mística — diz Edmond Wietrich — já não precisa de argumentos: ri-se dos obstáculos, salta todas as barreiras e ignora até a própria evidência. Os crendeiros da *embustosofia* estão nestas condições.

O desarranjo psicológico que se nota em muitos espíritas, não é um fenómeno particular do Espiritismo, pertence a todos os fanáticos; é a triste consequência do desprezo das leis rígidas de observação e experimentação, que devem presidir a toda indagação desinteressada.

Há, infelizmente, muitos espíritas, ou que julgam sê-lo, que procuram mobilizar o invisível em serviço dos seus interesses materiais. É por isso que há tanto industrial da embustosofia.

O problema de estabelecer a identidade dum espírito que pretende comunicar connosco, não é tão simples e fácil como pode parecer à primeira vista.

«O médium, o verdadeiro médium, nada tem dum ser sobrenatural; é um reservatório de forças físicas que exerce uma actividade psíquica imanente.

«As revelações dos médiuns acerca de assuntos deles desconhecidos e dos assistentes, algumas vezes, até, desconhecidas de todos os seres vivos que não podiam ter assistido ao desenrolar dos acontecimentos revelados — quando se trata de pormenores levados para o túmulo por um morto — precipitam a nossa razão num abismo sem fundo». Assim comentou o Dr. Engénio Osty a descoberta dum cadáver, que debalde tinham procurado, e as circunstâncias em que se deu o desaparecimento do defunto que ninguém podia suspeitar. E acrescentava: «É este um facto preciso e típico em que a origem informadora do médium não é verosímil que tenha sido o pensamento transmitido por nenhum ente vivo. Um médium descobrir o rasto dum morto já é coisa fantástica; mas reconstruir, em estado de transe, o último acto do drama da sua vida e a tragédia da sua morte, quando drama e tragédia se desenrolaram longe de todos os olhares, — excita de tal maneira a sua sensibilidade, que a razão fraqueja...»

Só os verdadeiros médiuns e verdadeiramente potentes, produzem manifestações supranormais deste quilate, que levaram sábios metapsiquistas, como o Dr. Osty, a sentir fraquejar as suas convicções anti-espíritas.

Os outros, os falsos médiuns, formados na escola da *embustosofia* são verdadeiros criminosos. O que é preciso é escorraçá-los do Templo, como Jesus fez aos vendilhões.

ATENÇÃO

Rogamos a todas as publicações com quem permutamos o favor de tomarem nota da nossa nova redacção:

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

O Espiritismo e a Igreja Anglicana

(Depoimento do autor, no «Inquérito» da Comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, para estudar os fenómenos espiritas)

Tradução do inglês pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

por Ernest W. Oaten

Ernesto W. Oaten, director de *The Two Worlds*, semanário espírita de Manchester, quis dar-nos o prazer da sua colaboração, oferecendo-nos o depoimento que fez, na presença da «Comissão de Inquérito aos fenómenos espiritas», nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, a que nos referimos na «Crónica Estrangeira». Este depoimento desassombrado produziu a maior impressão nos meios anglicanos a que se dirigia e demonstrou, mais uma vez, a lealdade do Velho Combatente que, durante muitos anos, esteve à frente da Federação Espírita Internacional.

Como este estudo é também, autobiográfico, dispensamo-nos de mais extensa apresentação, visto que o leitor fará ideia nítida do nosso distinto colaborador, mesmo sem auxílio de palavras, com as quais pudésemos fazer ressaltar o seu indiscutível valor moral.

Aquela revista esplêndida, profusamente ilustrada, mantém colaboradores e redactores especiais em várias partes do império britânico. Assim, os seus leitores andam, facilmente, ao corrente do movimento espírita mundial.

Ernesto W. Oaten publicou há pouco um interessante livro de memórias, intitulado «*What remember me...*» e que obteve bom êxito de livraria. Nesta obra, conta muitos fenómenos a que assistiu, durante cerca de quarenta anos de experimentação espírita e que foram publicados, primeiramente, na sua revista.

A fotografia que publicamos foi oferecida a Estudos Psíquicos, com amável dedicatória, que agradecemos ao notável publicista.



ERNEST W. OATEN

A racionalidade do Espiritismo

«A Religião atrai — a Igreja repele». Assim disse o Arcebispo Lang, há alguns anos, num importante congresso. Se essa afirmação é verdadeira, deve haver uma razão para isso.

Há uma acentuada tendência para ignorar a opinião da Igreja, quer nos assuntos espirituais, quer nos seculares. Qual a razão? Creio que devido à sua atitude conservadora para com o progresso científico contemporâneo. Basta citar, ao acaso, como ela encarou a astronomia de Copérnico, a descoberta geológica, etc.

Há quasi um século, Darwin apresentou ao mundo boquiaberto a sua teoria da evolução. A Igreja impugnou-a, porque desmentia, superficialmente, a *criação especial*.

Esta disputa verificou-se exactamente na época em que se começava a educar as massas e a oposição da Igreja não se podia ocultar, como nas primeiras controvérsias.

Hoje, a teoria da evolução (com algumas modificações) mantém-se firme e inabalável, e toda a gente sabe que a Igreja não tinha razão.

A confiança pública vai-se transferindo gradualmente da Igreja para a Ciência, por esta descobrir no-

vos horizontes e revelar as leis da natureza. Agora as leis da natureza são as leis de Deus. Os homens vão compreendendo que só pela observação daquelas leis se podem descobrir os desígnios de Deus. Por consequência, a Verdade, agora, encontra-se melhor no laboratório, que na Igreja e na Bíblia. Além disso, creio que a Ciência se inclina, com certa firmeza, para a interpretação superfísica da vida e dos seus nobres objectivos.

A evolução centralizou os pensamentos dos homens no materialismo. É, creio, mais do que uma coincidência, o Espiritismo ter vindo ao mundo quasi simultaneamente com as teorias da evolução. Considero este incidente como um esforço necessário, para manter o equilíbrio entre os postulados antagonistas do materialismo e do Espiritismo.

Tudo o que o Espiritismo afirma é baseado na investigação, na experiência e no conhecimento, e não na tradição e na teoria. Quaisquer que sejam as teorias que os espiritas adoptem, baseiam-se sempre, em geral, na experiência e na observação. Desde que Drummond escreveu «*A Lei Natural no Mundo Espiritual*», reconheceu-se, de facto, que as leis que determinam o crescimento do corpo, não são necessariamente antagonicas ás que determinam o crescimento da alma.

O Espiritismo, agora, como ciência, não pede a ninguém que creia; — diz simplesmente: «*experimenta tu mesmo, e que as tuas próprias conclusões determinem a tua convicção*». Creio que o Espiritismo é a primeira tentativa para aplicar o método científico à investigação da natureza espiritual do homem, à actualidade do mundo espiritual e à natureza da vida no Além.

Provas irrefutáveis da sobrevivência

Os fenómenos dos Evangelhos são lugares comuns das sessões espiritas. O racionalismo refutou os milagres, escalpelizando a Igreja, mas o Espiritismo restaurou-os como factos psíquicos.

Eu mesmo, — que em rapaz, como corista, frequentei tanto tempo, aos domingos, a escola para instrução religiosa —, que fui educado mais ou menos sob a influência directa do Dr. Percival (Director principal do Colégio de Clifton, e mais tarde Bispo de Hereford), eu mesmo, cheguei aos dezanove anos sem ter a convicção de que há uma vida além da morte. Orava, lia, mas as minhas dúvidas subsistiam. Os meus superiores espirituais ladeavam todas as minhas perguntas e asseguravam-me que a dúvida era uma ofensa a Deus. Desta sorte tornei-me agnóstico, como o são hoje dezenas de milhares de homens.

Não obstante, eu argüia: «Se não há nenhuma vida além desta, então é porque se trata dum caso de filosofia moral e não religioso, visto que todas as religiões têm como objectivo máximo a ventura da humanidade e o cumprimento dos desígnios de Deus numa vida futura».

Os meus pensamentos, entretanto, giravam à volta desta pergunta: «Há uma vida no Além?» É esta a base fundamental. A existência e a natureza de Deus são os cumes do templo espiritual, e por isso a mim parece-me inversão da lógica argumentar como o Arcebispo de York, quando afirma que «a vida eterna está contida na própria concepção de Deus».

Os homens não podem começar a construir as ca-

tedrais pela pedra que fecha a cúpula, mas sim pelos alicerces.

Eu fui cauteloso — pois assisti a muitas sessões espiritas em muitos lugares — e nenhum médium com quem trabalhei era profissional. Comecei com um grupo familiar, que se reunia semanalmente, em minha casa.

As provas obtidas foram maravilhosas. Lutei contra a convicção. Supus e inventei todas as explicações para interpretar estes fenómenos, sem os atribuir aos espiritos desencarnados. Assisti a perto de mil sessões em cinco anos, durante as quais testemunhei praticamente todas as fases dos fenómenos psíquicos, antes de me dar por vencido. Agora mesmo posso mencionar 60 % desses fenómenos, devidos a causas materiais e morais; 20 % oferecem explicações alternantes, mas pelo menos 20 % *impelem* um homem honesto a adoptar a hipótese espiritista.

Hoje, *sei* que há uma *vida futura*, porque mantive milhares de autênticas conversações com as personalidades que habitam no Além. Todas as minhas faculdades intellectivas se combinam para corroborar o facto.

As minhas próprias faculdades psíquicas desenvolveram-se gradualmente, de modo que posso agora, frequentemente, ver, ouvir e sentir a presença das almas desencarnadas.

Como Swedenborg, até fui bafejado com a graça de vislumbrar os clarões da outra vida; e enquanto a minha missão me liga à aprendizagem terrestre, espero todos os dias pela conclusão do meu trabalho. A Vida não tem terrores, mas apenas deveres. A Morte não infunde temor; simplesmente nos prepara para tão glorioso acontecimento.

Afianço-vos que a personalidade persiste, sob condições próprias ao seu desenvolvimento e manifestação. As experiências mostram que o espírito, mesmo encarnado na terra, possui vestuário (perispírito) para se poder manifestar na outra fase da vida. As histórias dos fantasmas dos vivos mostram a possibilidade do homem aumentar as suas actividades no espaço. As aparições e os fantasmas das pessoas vivas têm sido vistas, ouvidas e fotografadas, longe do local onde os seus corpos estavam situados.

Mas os fantasmas dos moribundos e dos que morreram há muito tempo, apresentam exactamente as mesmas características dos fantasmas dos vivos.

A projecção do *duplo*, quer dum modo esporádico, quer por intenção, demonstra a existência de um corpo natural e espiritual, como diz S. Paulo. Os fenómenos telepáticos, que tenho comprovado em centenas de sessões experimentais, correm paradas com mensagens telepáticas semelhantes às das pessoas finadas — muitas delas verídicas e até proféticas — recebidas em sonhos, visões, e muitas vezes em estado normal. Em resumo: — não é o homem transformado e exaltado que existe além do túmulo — mas precisamente o cunho da personalidade que nós dizemos morta.

O Amor é um laço mais forte que a Morte, e o facto mais natural do mundo é o do homem solicitar a mulher e esta um filho. Quando a morte os separa, o amor atrai os corações unidos. Nem a ignorância dos sábios, nem os anátemas da Igreja podem separar os que se amam. A personalidade que, na terra, procurou sempre o bem estar do objecto da sua afeição, continuará a viver ainda para além da Morte. Há milhares de pessoas nesta e na outra vida, cuja felicidade seria exaltada se tivessem a certeza de que essa

comunhão é uma realidade. Muitas pessoas dignas, que transpuseram o limiar do astral, estão ansiosas por transmitir, aos vivos da Terra, alguns conhecimentos baseados no que lá observaram, porque encontram sempre meio de o fazer.

Em face do problema — Comunicação impressionante

Tenho visto, com frequência, entrar o sábio zeloso na sala de sessões, disposto a escarpelizar os fenómenos psíquicos — orgulhoso da sua ciência e convencido da sua habilidade — e muitas vezes o vi também sair vencido e esmagado. A sua atitude, mais do que o seu objectivo, humilha-se perante os factos. Porém, raras vezes, em face da morte, tenho visto almas atribuladas, esmagadas pelo sofrimento e humilhadas pelo desamparo, que não tenham encontrado uma resposta ao seu apêlo.

Robert Blatchford, durante os cinquenta anos que consagrou ao estudo do determinismo, em vão procurou uma resposta à mais antiga interrogação do mundo; mas quando sua esposa desencarnou e apareceu alguém que o amava, disposto a responder ao seu apêlo, estabeleceu-se rapidamente a comunicação. O pórtico do amor surgiu das duas margens do rio da morte, e onde falhou a inteligência triunfou o amor!

É como procurar a salvação — a atitude mental é tudo.

Não julgueis que os sofredores são crédulos. Em geral não o são. O problema, para eles, é tão importante, que não admitem que os ludibriem.

Todas as coisas implicam um prolongamento do nosso estudo sobre a natureza e as possibilidades da personalidade humana — o único problema que a todos os outros sobreleva, e acerca do qual o mundo é lamentavelmente ignorante. ¿Quem o ajudará a resolvê-lo? ¿A Ciência ou a Igreja? Segundo os resultados obtidos até agora, o futuro depende da Ciência.

A comunicação de que vos falo é possível, e foi, sem dúvida, estabelecida. A Igreja pode discutir esta tese: «¿É legal? ¿e se é legal é boa?» A Igreja pode arguir, mas não deterá a maré avassaladora.

Há sessenta anos, Sir William Crookes disse: «A expansão do Espiritismo na Inglaterra apoia-se em milhares de habitações, nas quais um ou mais membros da família é médium».

Hoje, devem existir muito mais de 20.000 lares neste país, onde a família se reúne semanalmente (sem médiuns profissionais ou estranhos) a fim de se pôrem em comunicação com os seus parentes finados. O antigo costume do culto dos penates está quase extinto, mas o grupo espirita familiar substituiu-o.

¿Quais são os efeitos do Espiritismo? Vi um homem dissoluto e dissipador mudar por completo a sua vida, em consequência de uma mensagem recebida de sua falecida mãe. Conheci uma mulher que, farta de lutar pela vida e que recorrera ao veneno para lhe pôr termo, entregou a droga ao médium, que lhe dera uma comunicação de seu pai.

A primeira mensagem que recebi no meu próprio grupo familiar, abalou-me profundamente e alterou-me as perspectivas.

Eu era jovem — um aprendiz — e com pouco dinheiro no bolso. Trabalhava num grande estabelecimento com uma multidão de homens. Eles jogavam nas corridas e eu seguia-lhes o exemplo, derretendo

nelas todos os meus vintens. Meus pais, frequentadores da igreja regular, como meu tio, sentaram-se em volta da mesa. Meu avô comunicou-se. Eu era o seu neto favorito — pois tinha sido seu guia, quando a vista se lhe obscurecera.

Meu avô provou a sua identidade, nome, morada, a firma em que trabalhara, data da sua morte, cemitério em que foi enterrado, a idade, a sua igreja paroquial, a igreja em que se tinha casado, o nome do pároco que o casou, os nomes de suas irmãs e irmãos, o nome de solteira de sua mulher, assim como a primeira residência após o seu casamento. Alguns destes factos eram-me desconhecidos, só mais tarde verificados.

Depois de provada a sua identidade, perguntei:

— «Tem alguma mensagem?»

— «Tenho.»

— «Para quem?»

— «Para Ernesto.»

— «Qual é a mensagem?»

— «Pára com o jogo! Ele quase me arruinou.»

Todas as pessoas da minha família ficaram boquiabertas. Meu avô insistiu que o penalizava vêr-me jogar. Desde então, nunca mais apostei em cavalos.

Uma prova irrefutável

Ernesto Marklew, Membro do Parlamento, fez há pouco tempo, na sala dos Comuns, esta declaração:

«Não hesito em afirmar que tudo o que sou, tudo o que tenho e espero possuir, devo-o ao Espiritismo».

Quando ele era rapaz, perdera-se, como muitos homens, nos caminhos tortuosos duma vida miserável. Pois bem, depois de entrar em contacto com o Espiritismo, tão grande foi a sua transformação, que seu pai — homem escrupulosamente religioso, prægador durante trinta anos como chefe metodista Wesleano — ficou de tal modo admirado com a mudança do filho, que aquêle se informou acerca dos princípios filosóficos que tanto o haviam impressionado. Como quasi sempre acontece, a investigação convenceu-o, pelo que se tornou publicamente adepto do Espiritismo.

As pessoas, fóra das esferas espiritas, não podem compreender a naturalidade, a certeza e a realidade da presença dos espíritos. Não querem crer que o mundo espiritual pode vir a ser, para aquêles que possuem faculdades mediúnicas, tanto uma parte das suas vidas normais, como seus companheiros de trabalho ou vizinhos com paredes meias.

Há três anos, enquanto eu e minha mulher tomávamos chá, numa terça-feira à noite, vimos meu pai, que morreu em 1911. Disse-me que fôsse ver minha mãe, porque ela estava prestes a reunir-se-lhe. Naquela época, estava ela a gozar umas férias no Condado de Warwick — apesar de residir habitualmente em Bristol. Escrevi então a meus irmãos residentes nesta cidade, contando-lhes o teor da mensagem de meu pai. Se nossa mãe falecesse fóra do seu domicílio, teríamos de transportar o cadáver para Bristol, a fim de nesta cidade lhe fazermos o funeral. Isso tornaria-se uma dispendiosa para uma família de operários. Meu irmão estudou o problema durante o fim de semana, assim como a melhor maneira de o resolver, tomando para isso as disposições necessárias. No sábado seguinte, visitei minha mãe e verifiquei que estava bem de saúde. Lanchámos, tomámos chá e cavaqueámos

um pouco; seguidamente despedi-me dela, pensando que meu pai se devia ter enganado.

Na quarta-feira seguinte à tarde ela adoeceu e desencarnou na quinta-feira de manhã. O nosso aviso tinha sido tão útil, que nenhum de nós perdeu um momento. Graças ao aviso, resolvemos um problema imprevisto. Depois do funeral, a nossa família reuniu-se — a única vez que nos juntámos — e minha irmã, que vivia apenas à distância de alguns metros da nossa mãe, lamentou-se, porque, como estava habituada a vê-la regularmente durante tantos anos, sentir-lhe-ia a falta. Meu pai manifestou-se imediatamente, e disse:

— «Não sejam egoístas; agora sois todos crescidos. Tivestes-na na vossa companhia durante vinte e cinco anos; agora, é a minha vez».

Meus senhores: — ¿ Que mérito pode ter esta conversa se, a-final, centenas de pessoas obtêm experiências semelhantes, tôdas as semanas?

A verdade permanece

Quando interessadamente falais àcerca da comunhão espiritual, nós não argüimos; ¡ sorrimos! Viveis num campo de construção, construído por vós próprios e ilaqueado pelos dogmas. Desconheceis o grande, o belo mundo invisível, e não ousais confiar em vós mesmos para o explorar! Os discípulos não encontraram nenhuma dúvida em aceitar o testemunho de Pedro, Tiago e João, quanto à transfiguração do Cristo, somente porque *êles* acreditavam. Conheço a causa dos vossos temores. Receais que a nova ciência possa fazer sossobrar o vosso firme e secular ancoradouro; que a Nova Revelação possa significar o abandono das bem estabelecidas e experimentadas tradições religiosas.

Foi êsse o vosso receio quando surgiu o darwinismo. Mas a verdade prevalecerá, com o vosso consentimento ou sem êle.

Pertence tanto à Igreja, como ao cientista, descobrir a nova verdade. Ninguém, a não ser um louco, crê que todo êsse reino foi revelado.

O Espiritismo pode provar, sem sombra de dúvida, que a vida persiste após a morte. Milhares de crentes abandonam a Igreja, porque ela apenas lhes exige que creiam. Hoje, a crença sem provas é considerada como superstição e credulidade, ou como forma de auto-sugestão. A Igreja nunca forneceu qualquer notícia, quanto à natureza da vida que todos nós havemos de viver. Se esta vida é uma escola prática, uma aprendizagem, então é-nos absolutamente essencial conhecer o tipo daquela, para que nos preparemos; e supponho que as únicas pessoas que sabem qualquer coisa àcerca do mundo espiritual, são as que lá vivem: tudo o mais é simples conjectura.

Podem não ser capazes de nos revelarem muitos segredos concernentes à natureza daquela vida, (porque a nossa consciência deve reagir de acôrdo com a nossa experiência e ambiente); contudo, por pequena que seja a informação obtida, sempre é melhor do que uma simples conjectura. A Igreja tem apresentado quadros de vida inútil, de completa monotonia, que se opõem à reflexão. Ela não sabe nada àcerca do tipo da vida que nos espera, porque o mundo espiritual não é uma representação de títeres glorificados, mas «a vida abundante», onde as necessidades reais dos

nossos irmãos oferecerão oportunidades de utilíssimos sacrifícios.

A vida neste planeta, não obstante a rapidez com que exprimimos as ideias, é um lento e sonolento ras-tejar, comparado com a intensa actividade que teremos, quando nos libertarmos dêste envólucro de matéria terrestre.

Afirmção de fé

Entre os espiritas, nota-se um movimento religioso cada vez mais acentuado, que pode ser desigual e indisciplinado, mas está completamente integrado nas suas bases fundamentais.

Quando, há 26 anos, assisti ao Congresso da União Espirita Nacional, havia cerca de 110 igrejas filiadas e outras tantas não filiadas. Hoje, há 512 igrejas dentro da União, e quasi mil de fóra. Podeis perguntar: ¿ Não há lugar para os espiritas dentro da Igreja? Deixai que vos diga que quasi todos nós estamos de fóra, porque fomos perseguidos e expulsos. Eu era corista, secretário da sociedade de temperança, secretário auxiliar duma associação de socorro mútuo, professor duma escola dominical, e disseram-me simplesmente que «desde que eu tinha negócios com o demônio, dispensavam os meus serviços, porque podia contaminar os crentes».

¡ Pois bem! Nunca vou onde não sou chamado. Fui um dos que teve de constituir a sua própria igreja, sob o patrocínio dos espiritos, e nunca me arrependi disso, se bem que a liberdade tenha as suas responsabilidades.

Sou espirita há quarenta anos, e durante êste tempo nunca tive um momento de dúvida sobre o amor e desígnios de Deus ou a realidade de qualquer outra religião.

O Espiritismo respondeu a tôdas as perguntas solicitadas pela minha inteligência e satisfêz as súplicas do meu coração. Rehabilitou a Bíblia, e tornou-a um documento humano compreensível. Transformou Jesus Cristo — considerado como místico, mentor e terrível inspirador, que viveu há dois mil anos — numa fonte de energia e inspiração actual e dinâmica, e numa alma humana, sábia e experimentada; num irmão mais velho, cuja influência ainda se espalha pelo mundo, impregnada de amor; que conhece, mas que nenhum caso faz de credos, raças ou igrejas e apenas sabe as necessidades da alma humana. Dêste modo, o Cristo pertence tanto à vossa Igreja como ao primitivo adorador do sol. Êle não necessita da vossa adoração, mas de vidas puras que lhe sigam as pègadas. Não é o Seu nome, mas o Seu espirito, que importa.

Não obstante a afronta da Igreja, a perseguição da lei, as idéas errôneas, os risos escarninhos do ignorante e o desprezo do sábio oficial, o Espiritismo está rapidamente a moldar e a preparar o pensamento dos homens para a vida futura.

A Comunhão com o mundo espiritual

Nada nos pode frustrar a vitória, porque temos a mais importante realidade dêste mundo e os exércitos do céu estão detrás de nós.

Finalmente, desejo pôr em evidência um facto mais importante. Não necessito de me referir aos vários postulados dos diferentes ramos do Cristianismo —

Romano, Grego, Anglicano e dissidentes. Não há nenhuma probabilidade de acôrdo entre eles. A esperança do mundo chegar a ser completamente cristão de nome é tão remota como a conversão do mundo ao Islamismo ou ao Budismo.

Contudo, num recente congresso em Glasgow, assisti a uma reunião internacional, na qual tôdas as crenças se reuniram, apoiadas numa base fraternal. Cristãos, não só ministros ordenados como leigos de muitas denominações, fraternizaram com Budistas, Brâmanes, Muçulmanos, Judeus, Yogis — todos os credos e côres ali reunidos, acordaram numa base comum: a comunhão com o mundo espiritual. Nas comunicações com os habitantes desse mundo, não curamos das diferenças de religião ou ritual, que são consideradas como idiosincrasias meramente pessoais: na outra vida, elas nada pesam, e só têm valor quando influenciam e determinam a conduta e o carácter.

Tempo virá em que uma religião universal suplantará tôdas as diferenças de credos, e o Espiritismo oferece uma ampla base para essa religião, no facto demonstrável da sobrevivência humana e da imortalidade, bem como a comunhão entre todos os mundos, um autêntico progresso. Somos filhos do Único poder criador. Todos nós encontraremos a verdadeira pátria, quando a experiência nos tiver disciplinado e desenvolvido a aptidão necessária para nos aproximarmos de Deus.

O Espiritismo é de origem divina. Podeis retardar o seu progresso, mas não podeis frustrar o seu êxito verdadeiro!

Sempre que qualquer religião atingiu o seu auge de progresso sob o ponto de vista da sua origem e do influxo do poder espiritual, mais fraca e mais corrupta se tornou. O Espiritismo moderno é uma revelação contínua, que renova a sua inspiração diâriamente e ganha forças, mediante um contacto constante com a fonte eterna.

A Igreja tem empregado todos os esforços para entrar o nosso progresso. Tem usado a sua influência no Parlamento, nos tribunais, na sociedade e através da Emissora Nacional Britânica, para nos afastar, humilhar e reduzir ao silêncio.

Certeza de imortalidade

Meus senhores, não nutrimos contra vós qualquer má vontade. O tempo é ilimitado e a verdade é invencível. Houve uma época em que teríamos aceitado o vosso auxílio para deter a onda do materialismo. Hoje, se aceitardes as nossas realidades, estender-vos-emos a mão da amizade, mas não será fácil esquecer que esperastes a hora da vitória, antes de reconhecerdes os nossos postulados.

De boa fé vos asseguro que não nos interessam as questões doutrinárias, as definições de Deus, que devem ser, neste caso, especulativas e incertas, ou consideradas como hipóteses muito discutíveis de salvação. Mesmo as questões históricas são de importância secundária. Não podeis viver eternamente do passado. O facto é que os nossos pés assentam num caminho que conduz ao porvir. «*As veredas da glória sômente nos guiam ao túmulo*».

¿ Que se avista no Além? ¿ O húmido, escuro e medonho rio, ou a fronteira que nos mostrará a eterna manhã? O espirita respondeu a esta pergunta e demonstrou as suas afirmações em milhares de volumes.

Essas afirmações não fôram, nem poderão ser refutadas. Em conjunto, as suas conclusões são *esmagadoras*. Nós *viveremos* nesse mundo. ¿ Qual é a natureza dessa vida? O treino e a aprendizagem neste planeta expiatório devem ter alguma relação com a nossa adaptação futura.

Asseguro-vos que, quando transpuserdes a fronteira, nenhuma importância terá o facto de haverdes pertencido a esta ou àquela comunhão; se fôstes Romano ou Anglicano, Metodista ou Salvacionista, Cristão, Muçulmano ou Judeu. Qualquer crença pode ser justificada, desde que apresente os frutos do carácter e da rectidão da justiça — o amor, a honra, a virtude e a generosidade.

Não obstante, tendes de continuar a viver, e o vosso ponto de partida, lá, é continuação do que terminou aqui. O túmulo não é o *términus*, mas o entroncamento, onde mudareis de via, para continuardes uma eterna jornada.

O universo de Deus não está dividido em compartimentos estanques. A glória da vida maior pode agora mesmo penetrar nas neblinas deste mundo, precisamente porque o amor de Deus abraça toda a vida; e assim o amor humano, pálido reflexo do Seu protótipo cósmico pode transpor os umbrais da morte.

A VONTADE

A vontade é inseparável de qualquer manifestação da existência. Na vontade essencial do sêr, reside o princípio da sua individualidade. A vontade é a própria essência da vida, porque só ela permite a afirmação duma existência e garante o seu triunfo. O instinto de conservação e o de crescimento manifestam-se imperiosamente em todos os sêres: — a vontade de manter e a vontade de aumentar. O desenvolvimento da vontade implica o alargamento de horizontes e de domínio do sêr. A vontade, limitando-se, produz a representação. Não há fenómenos que não sejam volitivos, o que não impede que a vontade que os produziu seja inconsciente. As forças da Natureza que se consideram brutas são manifestações grandiosas de Vontades superiores, cujos limites não cabem dentro das nossas faculdades representativas. Por isso, nos parecem inconscientes.

D. Lôbo Vilela

AS VIAS DO PROGRESSO

O caminho ascensional da grande humanidade, com as suas alternativas de vida corporal e de vida espiritual, não é, por assim dizer, mais do que um vagaroso *purificador*. As primeiras estâncias, onde o mal domina em proporções espantosas, são *infernos*; as estâncias um pouco mais adiantadas, como a da terra, onde o mal domina ainda, mas onde as alegrias se entrelaçam com as dores, são *purgatórios*; as estâncias mais elevadas, onde o bem domina, podem chamar-se *paraísos*, mas paraísos progressivos que são, apenas, a entrada da verdadeira Jerusalém, onde, cercado da falange de espíritos vitoriosos, o Pai nos espera.

P. V. Marchal

Terceira reunião de confraternização

PASSEIO A CABO RUIVO

CONFORME estava anunciado, realizou-se, no dia 2 de Junho corrente, a excursão à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, feliz iniciativa da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor.

Nos anais desta colectividade, que tão denodada e proficientemente vem lutando pelo progresso e prestígio do Espiritismo e pela união fraternal da família espirita, o facto inscreve-se em letras de ouro, pelo sucesso, além de toda a expectativa, a que o reatamento desta antiga tradição deu lugar.

Cerca de oitenta excursionistas participaram deste

todos, como neste, reine sempre o mesmo espírito optimista e a sã alegria de viver.

Seguiu-se o almoço, e a avaliar pelo apetite de alguns Confrades, os ares de Cabo Ruivo, são excelentes... Aqui também dominou a boa camaradagem, esforçando-se cada um por que os outros participassem um pouco do seu farnel. O pior foi quando o professor naturista, Sr. Inglês Tavares, cuja apresentação foi feita em termos elegantes pelo nosso Confrade Pereira Serra, ergueu a sua voz autorizada para criticar o regime omnívoro e defender com calor, com factos e com sólidos argumentos, o regime de que é esfor-



OS EXCURSIONISTAS NO TERRAÇO DA QUINTA DO MEDLICOT

memorável passeio, onde as notas dominantes foram a alegria, a boa disposição e a ordem. Nenhum dos inscritos faltou à hora assinalada para a partida, e às dez e cinquenta o combóio pôs-se em marcha, levando a nossa carruagem. Meia hora depois estávamos em Cabo Ruivo. A manhã apresentava-se magnífica e prometia uma jornada encantadora. Foi com manifesta satisfação que os excursionistas chegaram à Quinta do Medlicot e se dirigiram ao terraço donde se disfrutava um panorama admirável do Tejo e suas margens.

Pouco depois, o Presidente da Direcção do Centro, Sr. Tenente Isidoro Duarte Santos, proferiu breves palavras justificativas do passeio que se realizava, pondo em relevo que só em ambientes de tão grande simpatia e boa disposição se pode conseguir a desejada fraternidade da família espirita. Terminou fazendo votos por que estes passeios tenham seqüência e em

çado paladino há mais de vinte anos. A lição aproveitou a muitos, certamente, e houve até quem se tivesse felicitado por as palavras do ilustre professor terem sido proferidas depois do almoço. O professor Inglês Tavares foi, no final, muito aplaudido, e aqui deixamos consignado todo o nosso agradecimento pela bondade que teve em acompanhar-nos e pelos ensinamentos que nos ministrou.

O Secretário Geral do Centro, Sr. Dr. Pedro Dias de Sousa, retomando as considerações feitas pelo orador que o antecederia, proferiu algumas palavras de apoio às teorias e práticas naturistas, louvando a coragem com que os seus adeptos enfrentam os motejos dos que não comungam nas suas ideias e suportam com estoica resignação as perseguições de que por vezes são alvo por parte dos médicos alópatas. Essa coragem e essa resignação, só têm paralelo com a coragem e a resignação de que dão provas os espiritas,

Notas & Comentários

Resposta aos «críticos»...

De vez em quando, chegam até nós peregrinos comentários acerca da existência ou não existência do Centro E. Luz e Amor, como entidade integrada no movimento espírita português. Segundo certos «críticos», «isto» não tem viabilidade, porque os seus dirigentes andam às turras, em quisílias constantes, e acabarão por liquidar a obra que, a-fim, nunca passou de mero simulacro.

Esses «críticos» falam, mas não entendem, nem se entendem. Falam por falar, como a cigarra canta, por cantar. Julgam os demais pela própria bitola.

Com efeito, os nossos objectivos parecem muito grandes para as nossas forças e esta circunstância leva os «críticos» ao exercício da única função que podem desempenhar na vida. Incapazes de organizar qualquer coisa, por insignificante que seja, de alentar qualquer obra meritória, limitam-se a «criticar», em termos depreciativos, dando a entender que bebem do fino, que estão no segrêdo dos deuses, que têm o exclusivo do vaticínio que lhes dá a pedra filosofal... j Fauna espúria, que nunca ligou o nome ao mínimo empreendimento, que nunca incitou e movimentou ideias elevadas, dando-lhes forma e levando a sociedade a traduzi-las, na vida de relação!

A estes «críticos», respondemos com a serenidade de quem trabalha, de quem vive intensamente o seu Ideal, de quem deseja consolidar o baluarte, para que não venha a sofrer os embates da adversidade, nem as contingências da traição, muitas vezes mais próximos do que se julga.

Se «isto» não tem viabilidade, di-lo o número de

associados inscritos até hoje, di-lo o acolhimento verdadeiramente lisonjeiro desta revista, em que colaboraram personalidades eminentes, portuguesas e estrangeiras, que a impõem à consideração de adeptos e simpatizantes, de adversários e até de inimigos.

Não basta «criticar», senhores «críticos», porque a crítica sem base tem duração efêmera. Para que a crítica tenha utilidade, é necessário que seja construtiva, que oriente e forneça directrizes, que demonstre, enfim, competência e boa intenção de seus autores. Só assim poderemos aceitá-la, só assim respeitaremos as suas conclusões.

Mas os «críticos» a que nos referimos pertencem a outra estirpe, cultivam a crítica-maledicência e sentem agonias ao presenciar a vitória dos outros. Afastam-se do trabalho insano dos bons obreiros, mas, em compensação, correm para os carros triunfais, a cujas trazeiras se agarram fortemente, em ares de quem participou da obra comum. O pior é que o seu vozeirão... imita o latão e acabam por apanhar com o lanternão, no dizer faceto de Faure da Rosa, a respeito de certa médium que não queria fraudar...

Quanto aos «mal-entendidos» entre os dirigentes desta casa, é ideia que faz rir piedosamente e que descobre o joguinho dos «críticos» em questão. Alguma coisa haviam de inventar para a sua «crítica»...

Aqui, não há «mal-entendidos», simplesmente porque os não pode haver, onde todos trabalham sinceramente e de mãos dadas, esquecendo o interesse próprio, para só pensarem na Causa, que merece todos os nossos sacrifícios.

Aqui não reina o arbítrio, visto que a tolerância é o móbil dos nossos actos.

O que aqui há, o que aqui tem havido sempre, é

quando pretendem espalhar as suas ideias. Mas umas e outras hão de triunfar, porque ambas trazem em si a Verdade que, cedo ou tarde, brilhará aos olhos de todos.

E transitando para a anunciada palestra espiritualista, o orador, vibrante de entusiasmo que a todos se comunicou, fez uma calorosa defesa da doutrina e moral espíritas, incitou os presentes à sua prática e defesa, escudados pelos ensinamentos de Jesus Cristo, o maior apóstolo da maior Verdade que os homens já mais possuíram. Terminou, pedindo a todos os presentes que, reunidos em torno da bandeira do Centro Espiritualista Luz e Amor, trabalhem afincadamente pelo seu engrandecimento, que é o da Causa em que todos comungamos.

Seguiu-se a recitação de poesias e aneddotas, a cargo das senhoras D. Elisabeth Valdez, D. Ivone de Sousa, D. Judite de Carvalho Caetano, sr. António Antunes e Dr. Pedro Dias de Sousa. O professor de guitarra Alberto Lima, tocou com geral agrado alguns trechos de óperas e música clássica.

A tarde declinava, mas o dia, sempre formoso, convidava a ficar. E ficámos, para ouvir o Capitão Estê-

vão Rodrigues numa palestra jogo-séria, de profundos conceitos filosóficos e que terminou com a recitação de três belos sonetos de sua autoria, dedicados ao Centro Luz e Amor. Pena foi que o nosso Confrade, por estar padecendo duma constipação na laringe, não pudesse ter tirado do seu esplêndido trabalho o partido que merecia.

Estava cumprido o anunciado programa e a conversação generalizou-se, confraternizando-se, na verdadeira acepção da palavra. Rapazes e raparigas organizaram, então, uma dança de roda e a Quinta foi percorrida, alegremente, ao som de cantares e folgoes.

Aproximava-se a hora da partida e todos lamentavam não poder recomeçar aquêle dia inesquecível. E para que dêle ficasse memória, tirou-se a fotografia que ilustra esta página.

Com a mesma ordem e a mesma disposição, se fez o regresso a Lisboa, e ainda, durante o trajecto, a alegria foi esfuante e comunicativa. Na gare do Rossio, os excursionistas demoraram-se, por largo tempo, a conversar, manifestando tôda a sua satisfação pelo êxito do passeio.

união indestrutível, na qual reside todo o nosso triunfo. O que aqui há, o que aqui tem havido, é amor à Doutrina e renúncia a tudo o que represente egoísmo individual. O que aqui há, o que aqui tem havido, é ordem e disciplina e vontade firme de vencer. Pode haver discussões, no sentido elevado do termo, inerentes ao dinamismo que subordina todos os nossos actos. O que não há, é... dissensões.

Fiquem-se com esta, os senhores «críticos»...

Esplêndida vitória

Mundo Espirita, de 16 de Março, deu-nos uma grande consolação, demonstrando ser o órgão mais dinâmico e profícuo de quantos conta o Espiritismo, em terras do Cruzeiro. Na realidade, não há facto retumbante ou actividade associativa que ele deixe de acompanhar, com aquêlê senso prático tão característico, apanágio do seu director e nosso estimado consócio, Dr. Henrique Andrade. Todo o movimento espirita lhe fornece motivos de ótima propaganda, a ponto de muitas sociedades o considerarem seu órgão oficial. Eis um triunfo bem raro em Espiritismo, demais a mais tratando-se de jornal independente, subordinado, apenas, ao critério do seu legítimo responsável. Mas que êsse critério tem sido do melhor, prova-o, sem dúvida, o oitavo aniversário da sua existência, que há pouco comemorou, em 4 de Abril último.

A vitória, porém, que desejamos assinalar, é doutro género e dá-nos a certeza de que, emquanto houver brasileiros, a Causa terá seus naturais paladinos e desentranhar-se-á em frutos de grande sabor moral.

Dentre as muitas campanhas de Mundo Espirita, uma houve que lhe mereceu e merece a mais desvelada atenção: a campanha pró-Hospital Espirita, objectivo máximo da Associação Espirita «Obreiros do Bem», presidida pelo nosso distinto consócio sr. Agostinho Pereira de Sousa, que, ainda não há muito tempo, doou à mesma colectividade o prédio e o vasto terreno que o circunda, à Rua Santa Alexandrina, 181, onde a referida colectividade tem a sua sede e o «Ambulatório Allan Kardec.»

Ao ter conhecimento da doação, pela leitura de Mundo Espirita, um assinante de Minas, que pediu não divulgassem o seu nome, dirigiu-se àquela redacção, a fim de obter mais pormenorizadas informações acerca do assunto. Depois de atendido, declarou que desejava concorrer com certo donativo e, para isso, solicitava a presença na mesma redacção da Directoria da «Obreiros do Bem», em tal dia e a tais horas. Satisfeita a formalidade, expôs em breves palavras o prazer que sentia, auxiliando a construção do Hospital, e entregou, por intermédio de Mundo Espirita, um cheque visado de 60 contos, pouco mais ou menos 90 contos, na nossa moeda.

É esta a grande, esplêndida vitória do órgão mais dinâmico e profícuo de quantos conta o Espiritismo, em terras do Cruzeiro.

! Honra, pois, ao Mundo Espirita e ao seu Director!

Confraternização

«A união faz a força», é velho aforismo que ainda não perdeu a mínima parcela do seu valor intrínseco.

Está posto à prova desde os primeiros alvares da humanidade. Nas pequenas, como nas grandes coisas, só a verdadeira união, baseada no interesse comum, consegue vencer obstáculos e dificuldades que pareciam insuperáveis. Assim foi sempre e assim será, per omnia seculae...

Vem isto a propósito da excursão que o Centro Espiritualista Luz e Amor promoveu a Cabo Ruivo, no dia 2 de Junho corrente e que ficará memorável, emquanto houver quem vibre e sinta, ao contacto de belos empreendimentos. Podemos afirmar que o passeio de confraternização constituiu êxito estrondoso que estávamos bem longe de calcular, tal foi a harmonia e o entusiasmo que reinaram em tôdas aquelas almas, dispostas à permuta de ideias e de sentimentos, em atmosfera de franca espiritualidade. Eram oitenta almas a vibrar no mesmo anseio evolutivo, esquecidas, momentaneamente, das misérias terrenas. Velhos, crianças, adolescentes, adultos em idade madura, todos souberam confraternizar, sob a bandeira branca do Centro, que atrai para a sua sombra todos aqueles que se dispuseram a lutar contra as imperfeições humanas e por um mundo mais elevado.

Se o êxito não tivesse sido, realmente, notável, não teríamos recebido cartas lisongeiras, aspirando a novo passeio do mesmo género. Descansem, porém, os impacientes, que a próxima excursão será maior ainda do que a primeira e reunirá elementos que faltaram a esta. Tudo se fará a seu tempo, «pelo progresso e prestígio do Espiritismo» e «pela união fraternal da família espirita». E se, desta vez, congregámos oitenta e tantas almas, em alegre convívio, sem notas discordantes, é bem possível que, na nova excursão, se duplique a parada e que os efeitos do empreendimento sejam ainda mais flagrantes que os de hoje.

É preciso extinguir a lenda do desconhecimento recíproco dos espiritas portugueses e semelhante objectivo só pode alcançar-se por meio de passeios e festas de confraternização, em que os preconceitos brilhem pela ausência e um só Ideal perdure e irmane os nossos corações.

I. D. S.

AOS ESPIRITAS

O Espiritismo dirige-se aos que não crêem ou que duvidam e não aos crentes que têm fé e a quem essa fé é suficiente; êle não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adoptar as nossas, e nisto é consequente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por êsse motivo, não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideias o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espiritas: acolhei com solicitude os homens de boa vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que crêem não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero, que aos seculares, porque semeareis nos campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que a quiserem vêr; mostrai os frutos da árvore e dêles dai a comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados.

Allan Kardec

Fenomenologia metapsíquica

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Rodrigo Sanz

IV

25. — Não são menos variadas e pasmosas as vidências de passado: quer as de passado *próximo*, como a perda, horas antes, de um broche, por uma senhora, na rua; quer as de passado *distante*, de lugares ou edifícios, tal como eram há cem anos; quer as de passado *remoto* e, por vezes, remotíssimo, qual a de um grupo de homens, vestidos de peles e armados de chuchos que subiam uma encosta (como teve a médium e vidente inglesa *Rosemary*, numa paragem agreste de Inglaterra). Evidentemente, que, nestas últimas, não costuma haver maneira de comprovação positiva.

Quero referir a primeira destas vidências, relatada por Geley, acêrca de Estêvão Ossowiecki, engenheiro polaco que, de 1921 a 23, foi objecto de experiências rigorosas.

Certa manhã, uma senhora de Varsóvia perdeu na rua o broche de ouro do seu vestido; e, visitando, na tarde do mesmo dia, o médium Ossowiecki, que não conhecia, contou-lhe o sucedido. A resposta foi imediata:

— Minha senhora: o broche está em casa, na sua caixinha. É redondo, com uma pedra, e sei que a senhora tem por êle grande estima.

Mas a descrição era de outro broche que a senhora guardara na mesma caixinha. E assim lho comunicou.

— Bem — respondeu Ossowiecki —; então, mostre-me algum objecto referente ao broche.

— O broche prendia, aqui, êste vestido.

Ossowiecki pôs os dedos no lugar que lhe foi indicado e disse, pouco depois:

— Vejo-o, sim. É oval, de ouro, antigo, uma recordação de família. Podia desenhá-lo. Tem duas partes que encaixam, como dedos entrelaçados.

— É verdade — disse a senhora.

— Perdeu-o um tanto longe daqui, na rua tal, esquina tal (a uns quatro quilómetros de distância).

— Realmente, passei por lá esta manhã...

— E vejo que um homem de bigode preto, modestamente vestido, o encontra e o guarda... Será difícil rehavê-lo.

No dia seguinte, de tarde, um irmão desta senhora disse-lhe em casa:

— O teu broche já apareceu. O sr. Ossowiecki telefonou-me agora mesmo, dizendo que to entregará amanhã, em casa de sua irmã.

E, com efeito, Ossowiecki entrega-lho no dia seguinte, dizendo:

— Ontem de manhã, ao entrar num Banco, olhei para um homem que estava no vestibulo, a quem reconheci como o mesmo que tinha achado e guardado o broche na rua. Dirigi-me a êle: — «O sr. encontrou ontem, em tal sitio, um broche de ouro». — «Sim, — respondeu, admirado —. Como sabe você isso?» Constei-lhe tudo e disse-me que já pensava em publicar um anúncio na imprensa. E entregou-me o broche.

O relato original é subscrito pela senhora e seu irmão: ela, filha dum magistrado do Supremo Tribunal da Polónia; êle, engenheiro.

26. — Nesta vidência, há uma parte inteiramente misteriosa e, até hoje, sem explicação plausível. Se Ossowiecki descreveu, exactamente, o broche perdido — bem como o outro, que a senhora costumava guardar na mesma caixinha — devia tê-lo feito por comunicação mento-mental, entre êle e a senhora mencionada, que, nessa ocasião, ou pensava, ao mesmo tempo, nas duas joias, ou oferecia, inconscientemente, a representação delas ao vidente, o qual captava na memória íntima da senhora a qualidade dos dois objectos... Mas que Ossowiecki *visse* o indivíduo achar o broche perdido, em tal sitio de tal rua, com tal viveza e exactidão, que o pudesse reconhecer no dia seguinte no vestibulo dum Banco, é coisa que escapa à nossa percepção. ¿Quem era aqui a alma *metaplas-mante*? ¿A de quem achou o broche? Mas, então, ¿como se pode estabelecer comunicação mento-mental *com ausente desconhecido*?... Não será impossível, pois isso parece que *teve de suceder*, em duas experiências com Pascal Fortuny, no Instituto Metapsíquico de Paris; mas o *cômo* é que ninguém o sabe... ¿Deveremos, então, supôr que a alma daquela senhora *estava inteirada por vidência própria*, absolutamente inconsciente, do lugar em que o objecto foi perdido, bem como do achado feito pelo homem de bigode preto e modesto vestuário e que Ossowiecki captou esta informação na mente inconsciente da própria senhora? De qualquer forma que tentemos a explicação, a dificuldade e o mistério continuam a persistir.

27. — Temos, finalmente, as vidências de *futuro*, ou *predições*, que, sem dúvida, são as mais difíceis de

explicar e que levaram muitos escritores a dizer que o fenómeno supranormal está *fora do tempo*, conceito mais compreensível do que aquilo que pretende fazer compreender. Uma coisa é um facto de *amanhã* poder ser averiguado pelos seus antecedentes de hoje e outra muito diferente é que um vidente *presencie* hoje o facto de *amanhã*, o que é absurdo. O futuro é susceptível de *previsão*, ou com rigor, ou com probabilidade, segundo a sua natureza; é o que faz o vidente de futuro: *prevê*, com certeza ou com probabilidade portentosas, mediante penetração supranormal do encadeamento de causas e efeitos, motivos e resoluções. O seu *poder de previsão* não pode explicar-se; mas o seu *pretensão poder de visão actual do que ainda não é*, ou seja de converter o futuro em presente... isso não é inexplicado, mas contraditório, verbalista e imprudente, das nossas tentativas de explicação. *Não há nada no Cosmos fora do tempo*, embora haja muitas coisas fora das nossas *medidas* de dia, hora, mês e ano.

28. — É costume dividir as predições em *pessoais*, ou do futuro de uma pessoa, as quais abundam, e *collectivas*, ou de futuro social, que escasseiam. No livro «O Conhecimento Supranormal» (1922), e no livrinho «Uma faculdade do conhecimento supranormal» (1926), ambos do Dr. Osty, Director do Instituto Metapsíquico de Paris, se relatam e estudam casos notabilíssimos. Extraírei um — realmente duplo — referente ao futuro do próprio Osty, e outro de predição histórica, envolta noutras pessoais.

29. — Em Maio de 1912, quando Osty ainda não podia pensar em servir hospitais ou ambulâncias militares, uma vidente de Paris, em sessão metagnômica, predisse-lhe novo aspecto de suas ocupações, que teve início dois anos depois. A vidente falava-lhe, como se lhe descrevesse as actividades na própria ocasião.

— «O sr. habita numa pequena cidade do centro de França. Vejo a sua casa numa pequena praça. Mas o sr. tem a secretaria num grande edificio, onde lhe passam pelas mãos muitíssimos papéis, provenientes de outra secretaria contígua, onde trabalham muitos homens: O sr. olha para os papéis e devolve-os em seguida. Outras pessoas que vêm de fóra trazem-lhe mais papéis. O sr. lê-os, escreve e devolve-os. Que quantidade de papéis!...»

Com efeito, desde Agosto de 1914, a ocupação diária de Osty, em cerca de dois anos, foi dirigir um Hospital, onde o fatigava muito a copiosa papelada.

Em 29 de Julho de 1916, Osty recebeu ordem ministerial de incorporação na reserva sanitária de Gray, cuja principal função era distribuir médicos, segundo suas aptidões, para as vagas produzidas no Exército.

E ao passar em Paris, no dia um de Agosto, teve nova sessão com a mesma vidente, que lhe disse:

— «Actualmente, o sr. muda de ocupação. Vai a uma cidade ribeirinha... Parece que lhe fazem perguntas e que, segundo a sua resposta, se dita qualquer disposição. Um grupo de senhores resolve alguma coisa a seu respeito.

«A povoação a que o destinam tem parte alta, antiga e imunda, e parte baixa, onde viverá e trabalhará. É povoação pequena...

«A casa em que trabalhará dá para uma praçazita. Parece um antigo convento, de escadaria muito larga, de madeira, com grandes patamares. Num deles, uma porta comunica com duas salas contíguas, de teto alto. O sr. trabalhará no primeiro andar.

«E quando sair da secretaria para a sua vivenda, atravessará a pequena praça e irá a uma casa não muito velha, com árvores à porta, donde se vê um rio próximo. O sr. viverá no rés-do-chão.

«Não estará ali muito tempo: talvez dois meses. Será transferido inesperadamente.»

...E Osty precisa o que, realmente, se passou:

— «Em 3 de Agosto, apresentei-me em Gray (nas margens do Sena). O médico adjunto à direcção da reserva inquiriu das minhas preferências. E no dia 8 recebi ordem para a Ambulância 7/76 de Moyon (Meurthe e Mosela), para render o Dr. R., destinado mais ao interior.

«Em 9 cheguei a Moyon, vila de uns mil habitantes, composta de parte alta, de ruas sujas, e parte baixa, limpa e de melhores edificações, onde estava a ambulância, num antigo casarão, do tipo das escolas congreganistas de campo, afastado cerca de quarenta metros do caminho e enquadrado, lateralmente, por casas.

«Subi à secretaria, por ampla escadaria de madeira. Num largo patamar, havia uma porta, com o rótulo: «Ambulância 7/76». «Entrei numa grande sala, de teto alto», que era depósito de macas, caixas de medicamentos, etc. «Uma sala contígua servia de escritório ao chefe dos médicos, a quem me apresentei».

O médico informou-o de que a ambulância estava reduzida àquilo que tinha visto: «há um mês que aqui estamos — disse-lhe — a vigiar apenas a construção duns barracões para hospital de evacuados».

E Osty acrescenta: «Verosimilmente, a ambulância 7/76 era, então, a única do Exército que podia adaptar-se às predições da vidente. Fiquei assombrado e pedi que me levassem ao quarto onde devia alojar-me, para vêr se as predições continuavam a cumprir-se.»

O quarto ainda estava ocupado pelo Dr. R.; e Osty pernitoou na parte alta da vila. Mas, no dia seguinte, foi o próprio Dr. R. que o conduziu ao alojamento.

mento no primeiro andar duma casa nova (não no rés-do-chão). Duas filas de árvores separavam a casa do caminho e a uns cem metros corria o Mortagne.

As semanas passavam, esperando-se que terminasse a construção de barracões. E os médicos da reserva ultimavam os planos de distribuição de salas e de organização de serviços. Houve, porém, um incidente: um inspector do Exército organizou um processo, devido a certa infracção do chefe dos médicos: houve papelada, sanções... e o pessoal médico foi transferido e Osty destinado a outro grupo sanitário, em 25 de Setembro, após quarenta e seis dias da sua chegada.

Osty termina assim: «Neste prognóstico deslissaram só dois pequenos erros: uma pequena praça, em vez de um grande pátio e um rés-do-chão, em vez de primeiro andar.

30. — O outro caso foi relatado pelo Dr. Tardieu e publicado em 1915 nos *Annales des Sciences Psychiques*. Foi, igualmente, transcrito por Richet, no seu *Tratado de Metapsíquica*.

— «Em Julho de 1869, deu-se uma predição, testemunhada por muitos que ainda vivem e cuja veracidade garanto, pela minha honra.

«O meu amigo Léon Sourel estava empregado como físico no Observatório de Paris. Vivíamos, então, em comunicação diária. Introduziu-me nos meios científicos e por seu intermédio fui um dos quatro fundadores do Observatório de Montsouris.

«No meio da conversação, Sourel ficava, muitas vezes, como que adormecido com os olhos abertos, e fazia predições, que se cumpriam rigorosamente. Eu não prestava grande atenção a estes estados do meu amigo, que me pareciam sonambúlicos.

«Mas em 23 ou 24 de Julho de 1869, fêz-me uma predição que durou mais de duas horas e que me causou profunda impressão.

«Andávamos a passear na Avenida de Luxemburgo e ele falava e olhava para o alto, parando a intervalos. E chegou ao ponto em que declarou:

— «Mas, que é isto?... Isto é a guerra!...
; Estás nos *bulevares*!... ; És chefe no Exército!...
; Contas dinheiro na estação do Norte!... Agora, estás no comboio com muita gente... Aulnoy... Hirson... Mesières... ; Onde vais tu?... ; A Sédan!... ; Ah que batalha!... ; Quantos perigos não corres!... ; Oh, pátria minha, que desastre!...»

«Parou, a chorar. E começou a andar e a falar:

— «; Estás no cerco de Paris!... ; Eu sou oficial superior!... ; Quê, quê?... ; Morro aos três dias!...»

«Pareceu despertar e perguntou-se:

— «Morro... morro..., mas de quê?»

«E Tardieu respondeu num gracejo, como quem não acredita.

«Recaiu em estado de hipnose e repetiu:

— «; Morio no cerco! ; Ao terceiro dia!...
; Oh, meu Deus, minha mulher está grávida dum filho que não conhecerei!...»

«Chora, novamente, e acrescenta:

— «Mas tu olhas por eles!... ; Que bom que és!...»

«Continua a descrever os desastres do assédio. Depois, diz:

— «Julgavas ficar em Paris, como médico. Mas voltas à província e dedicas-te à política... Casas-te... tens filhos... Mas, não esqueças os meus, nem minha mulher... ; Ah, pobre amigo, como sofres! ; Tua mulher agonisa! ; Ânimo, ânimo!...

«E prossegue, anunciando, largamente, o desenvolvimento da vida de Tardieu, até que, chegando a determinado incidente científico, muda de assunto e grita, inopinadamente:

— «; Outro desastre, ainda, para a Pátria!...
; Oh, acaba-se a França!...»

«Chora, uns minutos. De súbito, ergue os olhos para o céu e exclama, como inspirado:

— «A França salva-se! ; Vai até o Reno! ; Oh, pátria minha, o mundo admira-te!»

E termina o acesso de vidência.

Tardieu resume assim o cumprimento das predições:

No dia 27 de Agosto de 1870, saio de Paris à frente de três ambulâncias, como cirurgião-chefe da 8.^a da Cruz Vermelha. A emoção nos *bulevares* era indescritível. Mando dois médicos fazer colecta nos *kepis* para os feridos: desde a Ópera até à estação Norte recolhem 36.000 francos. Ao entregá-la, conto o dinheiro na estação e recorro a predição de Sourel.

«Já no comboio, os meus médicos perguntam-me aonde vamos. Respondo que passaremos Anlnoy, Hirson, Mezières, para chegar a Sédan.

«Logo vos contarei uma predição que me fizeram: dentro de dez ou quinze dias, voltaremos a Paris.»

«Em 31, chegamos a Racourt. O Exército francês desfila pelo nosso posto. O prussiano acampa nos arredores. Desde as dez da noite que conto aos médicos a predição de Sourel, dizendo-lhes que, após a derrota do dia seguinte, volveremos a Paris, que será sitiada.»

«Quando voltávamos a Paris, Sourel visitou-me em Arcueil. Os meus companheiros conheceram-nos e disseram entre si: «Veremos se o nomeiam oficial superior e morre ao terceiro dia».

«Em Novembro, Sourel é nomeado Comandante Auxiliar de Engenheiros. Quinze ou vinte dias depois, é atacado de varíola e vem a falecer ao terceiro dia, deixando a esposa grávida de três meses. A citada ambulância ficou aterrada.

«É claro que protegi os órfãos do meu amigo. Ter-

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Dezassete formas materializadas numa sessão à luz vermelha

The Two Worlds referiu-se largamente às curiosas e extraordinárias sessões que a senhora Helen Duncan realizou, em fins de Setembro de 1939, na igreja espirita National Causeway Lane, de Leicester. A conhecida médium de materialização despiu toda a roupa que trazia e envergou um vestido preto, previamente examinado por três senhoras da assistência e, a seguir, por todos os presentes. E logo que entrou no gabinete, caiu em transe à vista de todos.

Entretanto, o seu guia *Albert Stuart* pedia, em voz directa, que aumentassem a luz. Satisfeito o pedido, saíram do gabinete dezassete formas materializadas revestidas de branco, algumas delas contrastando com a robustez física da médium. Suas vozes eram de tons diferentes: fortes, claras, fracas e brandas.

Uma criança de 13 anos entrou em conversação com seu tio. Chamou-o pelo nome de baptismo e disse-lhe que era inteiramente feliz e que não desejava voltar à Terra. Depois, veio outro espírito que declarou ser irmã dum assistente; e como alguém lhe observasse que devia ter saído pelo meio do resposteiro e não pela porta lateral, respondeu imediatamente:

— Cuide de si e não se preocupe com os outros. Gastei muito tempo para cá chegar. Eu é que sei o que me convém.

E dirigiu-se para seu irmão, a quem tratou carinhosamente. Este ficou emocionado, exclamando:

— É a mesma pessoa, tem as mesmas maneiras como tinha, quando estava entre nós. Se alguém lhe queria impôr isto ou aquilo, mandava-o bugiar...

Apareceu também uma forma materializada, fácil

de identificar, em virtude da cicatriz que apresentava no rosto.

Depois, surgiu do gabinete o irmão dum assistente que disse em tom faceto:

— ¡Escutai! Todos temos dois olhos, boca, nariz... e o que não serve a uns, serve a outros.

E, batendo no peito, acrescentou:

— Só disto é que não podeis duvidar.

Realmente, as pancadas produziram ruído surdo na caixa torácica.

Outra forma materializada foi beijar a irmã, que estava presente e notou o calor dos lábios da entidade manifestante.

Pouco depois, veio uma forma branca, com um filho nos braços. Foi logo reconhecida por uma antiga colega. Morrerá de parto.

Após outras manifestações, o Guia pediu a uma senhora que se aproximasse da luz vermelha. Ao mesmo tempo, a forma de sua irmã saiu do gabinete, encostou-lhe a cabeça ao ombro e apoiou-se-lhe nos braços. Esta senhora notou-lhe a rigidez da cabeça e disse-lhe:

— Deus te abençoe, amiga.

Ao que a forma respondeu, abruptamente:

— Admiro-me de que me chames amiga.

Todos verificaram a perfeita semelhança das duas irmãs.

Agora, aparece um jovem, que vem conversar com certo amigo, a quem diz, em tom alegre:

— Antes do meu falecimento, não era espirita, ainda o não sou e não tenho tenção de o ser.

O amigo explicou, então, que haviam tido conversações acerca de Espiritismo, sem o menor resultado.

Finalmente, veio «Peggy», espírito de criança que é guia destes trabalhos e ao qual uma pessoa disse:

— Gosto do teu nome.

minado o cerco, voltei a Auvèrnia e fui nomeado para o Conselho Geral de Puy-de-Dôme. Neste cargo, fiz votar a criação do Observatório de Puy-de-Dôme e logrei que o Conselho apoiasse o meu requerimento à pensão do Estado para a viúva de Sourel.

«Casei em 1874. Minha mulher, que sofria dum quisto hidático, agonizou lentamente, durante seis anos, deixando-me duas filhas.

«Em 1912, chegou a realização do episódio de carácter científico que Sourel me havia anunciado 43 anos antes».

E Tardieu, julgando imminente a nova guerra anunciada para a França, preveniu os seus familiares e ami-

gos. Em Abril de 1914 comunicou ao Professor Richet todos os prognósticos de Sourel e, a pedido de Richet, relatou-os por escrito, com destino aos *Annales des Sciences Psychiques*. As circunstâncias da Guerra impediram a publicação até Agosto de 1915, época em que a sorte da França era, ainda, indecisa.

31.— E aqui terminamos esta pequena resenha. Dizemos pequena, porque só a conceituação e agrupamento dos fenómenos supranormais em sujeito vigil, ou pessoa acordada, pode bem encher um volume.

Ferrol, 8 de Novembro de 1938.

— É porque tua irmã se chama Peggy, — respondeu a entidade.

— É verdade, disse a dama em questão.

— Mas o meu nome é Margarida.

— E minha irmã também.

«Peggy» falava com acento escossês e entreteve-se algum tempo a brincar com o reposteiro.

E assim terminou tão notável sessão, após uma prece cantada pela voz clara e bela do guia Albert.

O ex-ministro inglês Hore-Belisha simpatiza com o Espiritismo.

É o que se depreende do editorial do *Psychic News*, relativo a 20 de Janeiro do ano corrente.

O jornalista Collie Knox, do *Daily Mail*, conversou com Hore-Belisha e ouviu do estadista as seguintes palavras: «A morte não nos arrebatou, inteiramente, os entes queridos, que estão sempre connosco, para nos ampararem na marcha, levantando-nos, quando caímos desfalecidos».

Há, porém, um homem que narra coisas interessantes acerca de Hore-Belisha. É o famoso médium curador W. T. Parish, de East Sheen. Este médium lutava com grandes dificuldades para acomodar no seu quarto doentes que o procuravam e só havia um terreno na região que lhe podia servir, a-fim-de poder ampliar o consultório. O dono do terreno era Hore-Belisha, que não estava disposto a vendê-lo. Contudo, Parish não desanimou. Falou com êle e ficou animadíssimo. Havia apenas uma dificuldade: A mãe do ex-ministro talvez não aprovasse a ideia, com receio de que a construção dum santuário de curas lhe roubasse a paz de que tanto necessitava.

O médium falou com lady Hore e todas as objecções desapareceram. Mais ainda: Em face do entusiasmo de Parish, entusiasmo-se também e pediu-lhe que lhe reservasse uma cadeira especial, para quando ela quisesse ir ao Santuário, a orar e meditar.

Pouco depois, desencarna a boa velhinha. Na véspera do entêro, Parish saiu com a esposa para o campo e encontrou Hore-Belisha, que regressava de automóvel a casa. Este parou e convidou os cônjuges a acompanhá-lo. Foram. Ao chegar a casa, o ex-ministro introduziu-os no quarto onde estava o caixão.

— Este era o quarto dela — exclamou.

E apontando para um gato:

— ¡É extraordinário! Ela adorava, profundamente, este gato e eu não sou capaz de o manter fora do quarto.

Em seguida, volta-se para o médium:

— Parish: faça uma prece.

E manteve-se de pé, enquanto este, controlado pelos próprios guias, fazia tocante invocação.

No final, Belisha agradeceu e declarou que nunca tinha experimentado coisa tão bela, em toda a sua vida.

Passado algum tempo, Hore-Belisha ofereceu ao Santuário uma linda estátua de bronze.

— Minha mãe pensava muito nisto — disse êle a Parish —. Sei que ela gostava que você a conservasse aqui.

Um dia, visitou o Santuário e perguntou onde estava a cadeira de sua mãe. Sentou-se nela e orou em silêncio. E quando Parish lhe disse que o espírito de Lady Hore era visto na cadeira, muitas vezes, pelos

clarividentes que visitavam o Santuário, Belisha ficou de-veras comovido.

O curador contratou, como jardineiro, um antigo quinteiro de Belisha. Pouco tempo após a desencarnação de Lady Hore, o jardineiro contou a Parish que tivera um sonho curiosíssimo: vira a mãe do ex-ministro e passeara com ela em torno do jardim. Ela tinha nas mãos bolbos de tulipa e narcisos e dizia que os queria plantar ali.

— Foi tão claro este sonho — acrescentou —, tenho dele impressão tão nítida, como das conversas consigo.

— Isso não foi sonho — respondeu Parish —. Foi uma experiência psíquica. Vá contar o caso a Belisha.

O jardineiro contou o caso e Hore-Belisha ficou impressionadíssimo.

O ex-ministro visitou o Santuário três ou quatro vezes e sempre orava em silêncio. Tomou tão grande interesse pelas curas lá realizadas, que sentia enorme satisfação ao ouvir falar no êxito obtido.

Uma vez, levou consigo uma visitante:

— Gostava que a senhora visse o Santuário — disse êste.

— Mas nós não temos tempo... Está o taxi à espera...

A-pesar disso, estiveram ali duas horas.

Doutra vez, o ex-ministro e Parish passeavam no jardim do Santuário, discutindo os grandes problemas da vida. Hore-Belisha tinha o braço sobre o ombro do médium. De-repente, parou e disse:

— ¡A-final, parecemos dois monges a passear no jardim do mosteiro!

Belisha estava admiradíssimo com as curas de Parish e desejava ser útil a um homem que há muitos anos vive como um santo.

— ¡É admirável o que você tem feito! — disse-lhe um dia o ex-ministro.

Parish declara que Hore-Belisha tem sido muito seu amigo e que, nas visitas ao médium, esqueceu, inteiramente, a sua posição social. E conclue:

— Éramos como dois irmãos.

A obra do Espiritismo

O *Clarim* de 30 de Março último trouxe-nos notícia auspiciosa que bem demonstra como o Espiritismo avança, em terras brasileiras.

O Centro Espirita Isménia de Jesus, de Santos, resolveu um dia construir a Casa dos Pobres, destinada a socorrer os necessitados. A princípio, todos julgaram utópico semelhante empreendimento, o que não obstou a que os ânimos se exaltassem, trabalhando afincadamente na consecução do belo e grandioso objectivo. E como o homem põe e Deus dispõe, o sonho transformou-se em realidade. O prédio está construído, na Rua Campos Melo, 312, e a sua inauguração realizou-se às 20 horas do dia 3 de Março.

Em Fevereiro passado, o património da Casa dos Pobres eram sete contos de reis. ¡Hoje, é superior a duzentos e cinquenta contos!... ¡Vejam lá se a vontade não consegue verdadeiros, autênticos milagres!

Actualmente, o edificio tem as seguintes dependências: um grande vestíbulo, à entrada, com duas salas de cada lado, isto é, quatro, ao todo. Numa, está a secretaria e a tesouraria; noutra, a sala de espera e a biblioteca; na terceira, a sala de passes para ho-

mens; na quarta, a sala de passes para senhoras. Todas as salas têm iluminação apropriada, pia e água encanada.

Ao lado do vestibulo, há um quarto reservado para pedidos de assistência dos Guias. A seguir, há um salão de 300 metros quadrados, fortemente iluminado, com enormes vidrais no teto. Tem 800 poltronas e destina-se à assistência das sessões. Pouco adiante, em plano mais elevado, está a parte destinada, propriamente, às sessões, que mede cerca de 100 metros quadrados e servirá também de palco para espectáculos teatrais, exclusivamente espiritualistas, que o Centro Isménia de Jesus deseja levar a efeito. Ao lado do palco, está um gabinete destinado ao estudo de fotoplasmias, isto é, para fotografar espíritos e revelar as chapas.

Na parte superior da frente do edificio, há várias dependências, a saber: sala para reuniões da Direcção, gabinete de assistência dentária, banheiro e gabinete sanitário, dois dormitórios, copa e cozinha.

A Casa dos Pobres possui, além disto, uma vasta área de terreno, da Rua Campos Melo à Avenida Conselheiro Nebias, aumentada com uma parte lateral, há pouco adquirida, que permitiu a ligação daquelas duas artérias.

Mas, não é tudo. Em Junho devem ser construídos os pavilhões. Um, ficará com frente para a Rua Campos Melo e será nele instalada uma farmácia, além da oficina de costura e artes para mulheres desamparadas e para as que se queiram regenerar e a lavanderia e residência para as mesmas. Outro, no centro do terreno, destinar-se-á ao internamento de obsediados, cuja assistência é já feita, com grande aproveitamento, pelo Centro Isménia de Jesus. O terceiro, que deve ser construído na mesma época, terá a frente para a Avenida Conselheiro Nebias e destina-se a menores abandonados.

Quanto à parte relativa às consultas psíquicas, estas continuarão a fazer-se no prédio principal, estando em estudo a instrução, o gabinete de estudos metapsíquicos e a parte destinada à água magnetizada para a cura dos doentes, não esquecendo o depósito para distribuição de alimento e roupa e um albergue para os desamparados.

Todos os louvores que pudésemos tecer a esta obra notabilíssima, ficariam muito aquém de tão formosa realidade. Por isso, limitamo-nos à transcrição dos nomes dos actuais dirigentes do Centro Isménia de Jesus, à frente dos quais se encontra a senhora D. Maria Máximo, como Presidente:

Dr. Mário de Alcântara, *vice presidente*; António J. Martins, *1.º tesoureiro*; J. de Melo Franco, *2.º tesoureiro*; Prof. João B. Fonseca, *1.º secretário*; Emílio Casasco, *2.º secretário*, além dum Conselho Deliberativo e Fiscal, composto de doze membros, que tem como Presidente o sr. António Ferreira Pinto e como secretário o sr. Otelo M. Marques.

¿Como pode morrer o Espiritismo, se, dia a dia, é exaltado por obras desta natureza?

«Meu filho está salvo!...»

La Revue Spirite Belge, de Abril, insere uma carta interessantíssima, subscrita por Chapelle, Rue du Centre, Sprimont, narrando a odisseia dum filho de 15 anos, condenado pela medicina e salvo de terrível operação, graças ao Espiritismo, que lhe deu a cura.

Merece a pena contar o caso. Em 15 de Novembro de 1938, o sr. Chapelle internou o filho num hospital de Liège, após dois anos de tratamento infructífero de albuminúria. Ao cabo de cinco dias de observação, a radiografia acusou a existência dum cálculo na base do rim esquerdo e em forma de pirâmide quadrangular, com cerca de 15 milímetros de lado, o qual se encontra em poder daquele senhor, à disposição de quem o quizer ver. As análises provaram, também, que o doente nunca sofrera de albuminúria.

Veio a primeira operação em Novembro de 1938, seguida de mais duas, motivadas por um abcesso e uma série de cálculos, que se haviam formado, novamente, no mesmo rim.

O pobre rapaz sofria, terrivelmente: Urinas viscosas, purulentas, nauseabundas, febre de 39 a 41 graus, quinze dias em jejum quasi absoluto, diminuição de 9,5 kilogramas de peso... Por cima de tudo isto, os cirurgiões a insistir com nova operação, por causa dos cálculos, acusados por outra radiografia. E o mais interessante é que não garantiam a vida do enfermo. Querê dizer: o rapaz estava condenado pela medicina.

Nesta altura, o sr. Chapelle foi ter com a senhora C..., médium curadora de Sprimont, que iniciou o seu tratamento em péssimas condições, mas cujos resultados eram animadores, tendo a febre desaparecido, quasi inteiramente.

Com a expulsão diária de cálculos pelas vias normais, a cura aproximava-se, a passos rápidos. Havia, apenas, uma dificuldade, porque um cálculo se fixara na uretra, a quatro ou cinco centímetros da bexiga. E o sr. Chapelle começou, outra vez, a desanimar... E percorreu vários especialistas e vários médiuns... Os primeiros diziam que era necessário nova operação. Os segundos, diziam que não, pois o cálculo saíria, como os precedentes. Quatro meses passaram, sem que o cálculo se deslocasse um milímetro, até que tiraram uma última radiografia. Embora o cálculo não estivesse deslocado nenhum outro se formara.

É consultado mais um especialista, o qual, de radiografia na mão, deu um sóco na mesa, afirmando que o cálculo jámais saíria pelas vias naturais.

— Não me desconcertei — escreve o sr. Chapelle — e pedi-lhe que esperasse oito dias. Depois se trataria da operação, a não ser que houvesse qualquer mudança no estado do doente.

— Bem, — respondeu o médico — esperemos até à próxima sexta-feira, porque tenho a certeza de que não me engano.

A radiografia fôra tirada em 12 de Agosto de 1939; em 20, a médium Moureau, da União Espirita Belga, declarou que, ao cabo de quatro ou cinco dias, se notariam grandes melhoras, pelo que não seria preciso tratar do rim operado.

Entretanto, outros médiuns cuidaram do doente; e, no dia 25, às 16 horas, sobreveio uma crise profundamente dolorosa, que durou até às 3 horas do dia 28. Sete horas e meia depois, o cálculo era expulso da bexiga, sem a mínima dor. Era ovóide, tinha nove milímetros de diâmetro e dezasseis milímetros de comprimento.

As predições da senhora Moureau realizaram-se, em absoluto. Poucos dias depois, apareceu um grande abcesso, do tamanho dum ovo de galinha, no sítio das operações. A família, porém, nada receava, tal era a sua fé, pois estavam certos de que a cura sobreviria. E com o auxilio de alguns médiuns, a cura afirmou-se, ao fim dum mês.

— Meu filho está salvo — diz, alegremente, o sr. Chapelle —. Retomou os seus estudos, após um ano perdido, estuda melhor e ficou sob a protecção dum médium. Tem boa saúde e pesa 60 kilogramas.

Perante factos desta natureza, nada valem palavras, por mais eloquentes que sejam. O Espiritismo é o grande bálsamo das dores físicas e morais da humanidade sofredora. Os factos são os maiores propagandistas desta Doutrina de regeneração e salvação. Estudai-o, crentes e descrentes, que o proveito será vosso.

O «relatório» da Igreja Anglicana

Como prometemos, voltamos ao assunto relativo às investigações feitas acerca dos fenómenos espiritas, por uma comissão de altas figuras da Igreja Anglicana, perante as quais depuseram muitos escritores e investigadores da especialidade, entre eles, Ernesto W. Oaten, director de *The Two Worlds*, o bem conhecido semanário espirita de Manchester.

Aproveitamos o ensejo para rogar aos leitores que leiam o depoimento d'este ilustrado confrade, que vai publicado noutro lugar desta revista, pois só assim poderão fazer ideia nítida da questão que durante tanto tempo apaixonou a opinião pública londrina.

O *Psychic News* de 2 de Março intitula assim o seu artigo: «O Primaz levantará o interdito? O relatório da Igreja e o Espiritismo. Mais revelações» e informa que a noticia referente à circunstância da maioria da Comissão haver decidido que o Espiritismo era verdadeiro produziu inúmeros comentários da parte de quasi toda a imprensa. Assim, o Arcebispo de Cantuária disse ao *Daily Telegraph* que a noticia do *Psychic News* era ilegal e errônea. O *Evening Standard* inseriu a seguinte declaração do presidente da Comissão, Bispo de Bath e Wells: «A posição, agora, é delicada e incerta e só ficará esclarecida com novas investigações», acrescentando que a publicação do relatório era inoportuna, por divergirem as opiniões de alguns membros.

Segundo o *Daily Mirror*, anunciou-se «oficialmente» que o relatório da maioria não aceitava, por completo, o Espiritismo. «Espera-se — continua o jornal — que, em vista desta revelação, o relatório seja publicado.»

O *Sunday Dispatch* disse: «ainda que o relatório não reconheça o Espiritismo como verdade, favorece, alguns aspectos do conceito espirita».

E o *Psychic News* continua:

«A-pesar dos comentários do Arcebispo de Cantuária e do Bispo de Bath e Wells, as nossas afirmações não podem ser postas em dúvida. Dissemos que nove dos doze membros da Comissão deram o seu voto favorável ao Espiritismo. Actualmente, há oito, visto o escritor Evelyn Underhill, que aceita, mais ou menos, a doutrina espirita, ter deixado o lugar para que fôra nomeado, depois de submeter as suas conclusões ao Arcebispo de Cantuária, na primavera de 1939, após dois anos de pacientes e sistemáticas investigações da Comissão, que ouviu testemunhas, examinou a evidência dos fenómenos e assistiu a sessões espiritas. Depois de tudo isto, imprimiram o relatório e apresentaram-no ao Primaz, ao Arcebispo de York e a todos os bispos diocesanos. Todavia, o Primaz não permitiu a publicação dos resultados a que chegou a sua comissão».

Eis alguns nomes dos signatários da maioria:

Dr. William Brown, célebre psicólogo.

Dr. W. R. Mathews, Deão da Igreja de S. Paulo.

Cónego H. Anson, Mestre do Templo.

Cónego L. W. Grenstead, de Oxford, capelão-examinador do Arcebispo de York.

P. E. Saudlands, o bem conhecido K. C.

A senhora Gwendolen Stephenson.

Bispo de Bath e Wells.

Este último presidiu à Comissão e disse que o relatório não era publicado, em virtude da divergência existente. Pois ele próprio assinou com a maioria, cujo parecer foi redigido pelo cónego Grenstead.

«Embora escrito sob o ponto de vista da Igreja, e notando-se, aqui e ali, uma ou outra nota de prudência, é um lúcido e expressivo documento, confirmando os postulados espiritas, — afirma *Psychic News* —, acrescentando:

— A linguagem toca, por vezes, as raias da eloquência. Cita provas da sobrevivência obtidas pela mediunidade e inclui um depoimento do Juiz do Tribunal de Apelação, cujo testemunho é notável.

No parecer da maioria, é de toda a conveniência uma aliança entre o Espiritismo e a Igreja, que levaria, certamente, a uma interessante «renascença religiosa».

Maurice Barbanell, que é o autor do artigo, diz que estes factos não podem ser desmentidos, porque ele próprio leu o relatório da Comissão, que nada sabe, acerca das apregoadas «investigações ultteriores».

Efectivamente, o Dr. Mathews protestou em público contra o «engavetamento» do relatório, declarando que as conclusões a que se chegou revelaram que algumas pessoas haviam encontrado na mediunidade «a confirmação da sua fé cristã e maneira de trocar o agnosticismo pela crença».

O cónego Anson verificou, numa sessão pública, que o Espiritismo é «a explicação científica da fé cristã e a fé na sobrevivência».

— Que farão, agora, os bispos? — pergunta Barbanell. — Que dirá o Bispo de Liverpool?...

Este último, não só recomendou o livro do Rev.º C. L. Tweedale ao clero da sua diocese, como ainda escreveu a este conhecido escritor espirita:

— Agora, devemos deixar agir o fermento.

O Dr. Pollock, bispo de Norwich, proclamou que «a evidência do Espiritismo está demasiadamente espalhada, sendo aceita por grande número de pessoas sensatas, para que se note apressada rejeição; e os homens de ciência habituaram-se a encarar os fenómenos com serenidade e pronunciam-se a favor da sua verdade indiscutível».

O Bispo de Chelmsford afirmou, por sua vez, que «a evidência do Espiritismo não pode desprezar-se».

O Dr. Hensley Henson, há pouco ainda Bispo de Durham, recomendou, também, ao clero da sua diocese, as «Conversações com o Invisível», do Rev.º H. T. Lovejoy.

O Bispo de Grantham é favorável ao Espiritismo.

O Bispo de Lincoln recomendou aos candidatos à ordenação que estudassem «O Repto do Espiritismo», escrito pelo Rev.º S. Maurice Elliot, que, junto do Dr. Underhill, se aliou, desde o início, ao Arcebispo de York, reclamando este inquérito.

Barbanell conclue, assim:

— A decisão do Primaz de «engavetar» o relatório, deixa perplexos cerca de 15.000 pastores anglica-

nos, muitos dos quais compreendem que a publicação dele seria a maior derrota do materialismo.

No próximo número, continuaremos a acompanhar *Psychic News*. E, embora não alimentemos esperança alguma, quanto à publicação do «relatório», é com sumo prazer que verificamos a existência de inúmeros cultores do Espiritismo, nas fileiras anglicanas.

Um caso de intoxicação psíquica

O Dr. Inácio Ferreira, abalizado director do Sanatório Espirita de Uberara, ao qual se têm acolhido tantos e tantos enfermos do corpo e do espírito, continua a publicar esplêndidos artigos na *Revista Internacional do Espiritismo*, intitulados «Novos Rumos à Medicina», que estão a causar ótima impressão nos inúmeros leitores daquela magnífica revista.

Desta vez, o ilustre médico psiquiatra trata de um caso muito raro de intoxicação psíquica que não pôde ser inteiramente normalizado no Sanatório, devido a preconceitos de família.

O paciente era um belo rapaz de 25 anos, habituado aos trabalhos de lavoura, absolutamente saudável, desprovido de vícios e com boa hereditariedade. Há coisa de cinco meses, começou a sentir-se indisposto, queixando-se, ora das pernas, ora de calafrios pelo corpo e de uma coisa *esquisita* na garganta. Como emmagrecesse sensivelmente, levaram-no ao médico, sem resultado. Depois de recorrerem a curandeiros, procuraram um médium receitista, que os aconselhou a dirigirem-se ao Sanatório Espirita de Uberara, onde o Dr. Inácio Ferreira o examinou, indicando o seu internamento.

O rapaz não comia e pouco dormia. Sentia a tal coisa *esquisita* e não tinha apetite. O organismo estava desidratado. As chapas radiográficas eram negativas.

Como não havia lesões orgânicas, procurou-se o *factor invisível*. E encontrou-se. O doente sofria, devido a irradiações malélicas e inconscientes duma entidade recém-desencarnada, vítima de tuberculose pulmonar, e que se julgava ainda na Terra, pelo que se deixou atrair pelos fluidos do rapaz. Os fluidos recíprocos adaptaram-se e o encarnado começou a sentir, então, o mal inexplicável.

Eis como o douto médico expõe-se a questão:

«Atacado por uma tuberculose; com os pulmões solapados por esse mal que, inexoravelmente, fazia definhar o seu organismo; acompanhando, em vida, a sua consunção lenta, já desesperançado dos recursos da medicina oficial, à qual, naturalmente, sempre recorreu, desencarnou-se vitimado por essa moléstia.

«Nesse período de transição continuou a intoxicação da sua desesperada cura. Atraído pelos fluidos desse paciente, que é médium sensitivo, e sintonizando seus fluidos com os do encarnado, que possuía a volição em grau menor que a sua vontade, inconscientemente lhe transmitia toda a intoxicação do seu perispírito, toda a sua máguia, toda a sua desesperança. Daí, um corpo moço, sem lesão característica, ver-se dum momento para o outro, definhando, resistindo a toda a medicação terrena.

«É o corpo material sofrendo a intoxicação do próprio espírito do paciente, vitimado pela volição inconsciente dum desencarnado, fazendo o papel de verdadeira sanguessuga. É a própria intoxicação psíquica.

«Nas mãos de pessoas desconhecedoras dessas

questões, reputadas inverosímeis, continuaria essa actuação e, em breve, o paciente seria vitimado pela tuberculose que, a princípio *psíquica*, se transformaria, com o tempo, em real, visto todo o organismo conter os bacilos de Kock que vivem em vida latente, à espera dum enfraquecimento orgânico, e então se despertam para a sua acção lenta e fatal. Seria uma vítima da própria ciência».

Após quinze dias de internamento do doente, o Dr. Inácio Ferreira conseguiu organizar o seu trabalho, auxiliado por médiuns desenvolvidos, ouvindo, assim, mais uma dessas histórias «factos desenrolados na vida material duma existência, estampados no psiquismo e a torturarem com a vaga lembrança de alguém para cujo lado o enfermo corria, quando liberto, e de quem vivia distanciado pelo véu da matéria...»

Comunicou-se o espírito duma rapariga, a contar a sua vida e a dizer que não compreendia como se tinha aproximado do pobre rapaz, contaminando-o com seus fluidos e transmitindo-lhe a doença que ela tivera em vida. E concluía, dizendo que, noutra existência, aqueles dois espíritos haviam sido muito amigos, razão, talvez, por que se procuravam mutuamente, sem atinar com a causa que os fazia aproximar um do outro.

Um médium vidente descreveu o espírito, como sendo de rapariga morena-clara, de cabelos pretos e semblante tristonho.

Ambos viviam em permanente nostalgia, que foi contaminando a matéria do paciente, enfraquecendo-a, a ponto dos implacáveis bacilos encontrarem o *habitat* necessário à germinação. Quere dizer: o espírito obsediado transmitiu suas toxinas ao corpo. E assim se engendrou um *tuberculoso psíquico*.

Ao cabo de duas semanas, quando o médico entrevia já sintomas de cura, a família do rapaz, que era católica e não queria deixá-lo num sanatório espirita, levou-o consigo. O espírito obsessor fôra afastado, mas o espírito do enfermo *permanecia intoxicado*.

O espírito da rapariga voltou a manifestar-se, deramando copiosas lágrimas e rogava que tivessem piedade do rapaz, que sofria muito, pois o *sofrimento dum tuberculoso confrange o coração mais empedernido*... Finalmente, contou que, noutra existência, estiveram ligados por grande simpatia, mas não conseguiram unir os seus destinos, em virtude de oposições de família, pelo que ela, desesperada, se lançou no suicídio. Ele, por seu lado, seguiu-lhe o exemplo, abandonando, assim, a vida terrena.

— ¡Tenham piedade! — clamava o espírito. ¡Salvem-no! ¡Salvem-no!... ¡Ele precisa de viver!...

E o Dr. Inácio Ferreira continuou os seus trabalhos a distância e acompanhando sempre a marcha da doença do pobre enfermo, cujas melhoras eram lentas, mas continuas, até que ficou, inteiramente, restabelecido.

Aí fica o resumo dum caso bem raro de *intoxicação psíquica*. Meditem nêle todos os que se interessarem pelos problemas do espírito e vejam a quantos perigos está sujeita a humanidade sofredora.

Allan Kardec

BIBLIOGRAFIA

CONSELHOS AO MEU FILHO, pelo Dr. Inácio Ferreira, com um prefácio de Leopoldo Machado.

○ Dr. Inácio Ferreira, nesta sua nova modalidade de evangelizar as pequenas almas em botão, atinge plenamente o seu objectivo.

Trata-se de um pequeno, mas substancioso livrinho, onde o autor, em 20 pequenos capítulos, demonstra as verdades do Espiritismo, quasi sem se dar por isso...

A literatura infantil brasileira fica assim enriquecida com mais um volume esplêndido, sob todos os pontos de vista.

Numa prosa simples e, por vezes, dialogada, adaptada aos pequenos cérebros, o autor expõe toda a moral cristã, de molde a insuflar na alma dos pequeninos os bons princípios que norteiam a nossa doutrina que, na Pátria do Evangelho, se desenvolve prodigiosamente...

Conselhos ao meu filho é, por tudo isto, um livro admirável para os nossos filhos, pela linguagem sã e princípios salutares que encerram as suas páginas.

S. E. M.

MATERIALIZAÇÕES MINÚSCULAS, por Ernesto Bozzano. Tradução e apêndice do Dr. Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro.

○ autor apresenta seis casos de materialização e dez ilustrações a elas referentes, entre as quais figura a da célebre «Katie King», obtida — como é sabido — pela médium Florence Cook, sendo experimentador o Dr. William Crookes.

No apêndice, o tradutor refere algumas das materializações obtidas nas sessões espíritas dirigidas pelo experimentador do Canadá Dr. T. Glen Hamilton. A fotografia de uma destas materializações é a de Raimundo, filho de Oliver Lodge.

F. R.

SEMENTEIRA CRISTÃ, por Clóvis Tavares; 2.º livro de leitura para as escolas espíritas. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

D EVEM-SE ao autor várias publicações de educação espírita, uma das quais é dedicada aos encarcerados. Clóvis Tavares é professor na Escola Jesus Cristo e, conforme nos elucidou o operoso espírita Leopoldo Machado nas suas palavras de abertura, são do autor os planos de uma série de livros escolares para os alunos da sua escola. Este 2.º livro de leitura é oferecido, entre outros, às crianças do Brasil e de Portugal. Está dividido em quarenta lições, curtas, tão simples quanto claras, para que, certamente, sejam facilmente assimiladas pelas tenras inteligências a que se destinam: Pequenos contos, lendas bíblicas, biográficas... em todos dando realce à acção de bem-fazer, à Bondade, ao Amor cristão. Cada uma das lições é seguida dum vocabulário em que se dá o significado das palavras, presumivelmente, desconhecidas das crianças, de um exercício e

de indicações adequadas de versículos dos Evangelhos e dos livros de Kardec e de Léon Denis, a fim de o professor poder disreterar sobre o tema dado de cada lição, que fecha com a transcrição dum pensamento de educadores, como Pestalozzi e Montessori e filósofos, como Marco Aurélio. É um livro fundamentalmente cristão, em que se prega sempre a moral cristã: horror ao vício e amor à virtude.

Desvanece-nos sobremaneira a oferta às crianças de Portugal. Oxalá que, em breve, as crianças de Portugal tenham uma escola onde possam conhecer todos os benefícios dos ensinamentos deste livro.

F. R.

HÁ DOIS MIL ANOS (romance de Emmanuel). Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier. Edição da Federação Espirita Brasileira.

E STE livro, que reconstitue uma época da antiga Roma, no tempo de Jesus-Cristo, é ao mesmo tempo uma auto-biografia de Emmanuel, que nesses remotos tempos do paganismo foi o senador Públio Lentulus, descendente da orgulhosa «Gens Cornélia». Foi recebido mediunicamente pelo famoso médium Francisco C. Xavier, no Grupo de Estudos Espiritualistas, de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais.

Nas suas páginas admiráveis, perpassam todos os costumes, vícios, preconceitos políticos, sociais e religiosos daquela época histórica. Emmanuel, porém, pergunta: «Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade?» E de facto assim é.

Nesta obra mediúnica, o que mais nos emociona são as descrições da evangelização do Nazareno, na Palestina; as suas prédicas nas margens do Tiberiades; o entusiasmo das populações da Galileia pela palavra vivificadora de Jesus; as suas curas maravilhosas; a sua prisão, e, finalmente, a sua condenação infamante exigida pela intolerância farisaica do Sinédrio de Jerusalém. Outro passo importante é aquele em que se evidencia a alma torva e acomodaticia de Pôncio Pilatos perante o dilema em que se viu envolvido.

Neste belo romance, há ainda muitas outras figuras dignas de menção. Além da personagem central, avulta também Livia, esposa do ex-senador, pela sua fé inquebrantável na doce e consoladora doutrina do Mártir do Gólgota. Essa fé, a que Emmanuel dá tanto realce, é, de facto empolgante pela sua simplicidade e admirável espírito de sacrifício.

Outro ponto culminante deste belo repositório mediúnico é o encontro do Cristo com Públio Lentulus, em Cafarnaum, onde o senador romano estanciava então por causa da doença de sua filhinha.

A pág. 74, deparamos com estas palavras de Jesus: «Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!...»

Belas e profundas palavras que deviam ecoar em todos os corações.

«Há muitos milênios», notai todos vós, misoneís-

Por esse mundo...

A Biblioteca da Federação Espirita Brasileira possui cerca de sete mil volumes de obras doutrinárias e doutros géneros e todos os dias é franqueada ao público.

— Segundo o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, o *Trinity College*, de Cambridge, resolveu criar uma cadeira de Espiritismo, cujo proprietário é o Professor Broad, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres.

— O Dr. Humberto Torres continua a apelar para a generosidade dos espiritas brasileiros e sul-americanos, no sentido de minorar a angustiosa existência dos confrades espanhóis, expatriados em França. A Federação Espirita Brasileira remeteu-lhe há pouco um cheque de 3.800 francos.

— O nosso amigo e colaborador, prof. Leopoldo Machado, realizou, ultimamente, novo ciclo de conferências doutrinárias no Estado de S. Paulo. Em Guaratinguetá, falou no Salão Nobre da Perfeitura, o que provocou veemente protesto do vigário local, que, em seis violentos sermões, procurou em vão destruir os argumentos do conferencista.

— J. l'Homme, Presidente da União Espirita-Belga, afirmou na Assembleia Geral daquela colectividade estar convencido de que, se em todos os grupos espiritas, fôsse lida e comentada uma página do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, dar-se-ia um grande passo na propaganda e na evolução de todos os adeptos.

— Sob o título «Moribundo que anuncia o seu fim», publicou há pouco a *Revue Spirite* uma carta de L. M., narrando que na noite de 30 de Setembro para 1 de Outubro de 1939, viria em sonho determinada pessoa de família, muito pálida, demonstrando grande sofrimento e metida numa espécie de saco negro e sem braços. L. M. despertou cheia de medo e tomou nota da hora: eram quatro da manhã. Efectivamente, em 6 de Outubro, um filho de L. M. anunciava a morte da pessoa em questão, precisamente em 29 de Setembro, às 8 da manhã, numa clínica de Besançon, em virtude duma operação urgente. A autora da carta crê tratar-se dum caso de premonição.

tas, que a Rabi da Galileia tenta reunir as ovelhas tresmalhadas... Que esta bela obra mediúnica contribua para essa reunião, são os nossos votos veementes.

Após a leitura deste romance, a nossa alma sente-se reconfortada e quasi que liberta do envólucro material a que transitariamente está sujeita. Uma grande lição é o que elle nos dá, porque nos põe em evidência a superioridade da moral cristã sobre a pagã, artificiosa e materialista.

Por tôdas estas virtudes, aconselhamos aos nossos leitores este excelente romance, por ser o tipo de literatura mais atraente para quem não se inclina muito para a leitura dos tratados volumosos.

S. E. M.

— Na linha Maginot, há muitos grupos espiritas, aos quais *The Two Worlds* se refere, num artigo, publicado em Janeiro último. Esses grupos pertencem ao Corpo Expedicionário Britânico, que se encontra em França, desde o início da guerra europeia.

— O Dr. Hettinger defendeu uma tese de doutoramento na Universidade de Londres, na qual demonstrou a verdade da psicomетria.

— Gabriel Gobron escreveu em *La Revue Spirite Belge* um belo artigo, profligando a indústria dos vaticínios, tão espalhada na imprensa inglesa.

— *Jornal Espirita* informa que o Hospital Espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, vai construir novos pavilhões, o primeiro dos quais terá cem salas e custará 600 contos. 300 já foram cobertos por subscrição espirita. Este hospital será, no género, o maior do mundo. Com compartimentos destinam-se, principalmente, às curas espiritas.

— A guerra está a prejudicar fortemente a propaganda espirita. *Ali del Pensiero*, *La Ricerca Psichica* e *Mondo Occulto* foram obrigados a suspender a publicação, devido à falta de matérias primas.

— O sr. Andrew Roberts, que esteve paralisado durante quarenta anos e sofreu dezassete intervenções cirúrgicas nos hospitais de Liverpool, encontra-se, finalmente, restabelecido, mercê do tratamento espirita. Hoje, pode andar muitos quilómetros por dia, sem auxílio de muletas, nem bengala. Assim o afirma *The Two Worlds*.

— *Psychic News* conta que numa sessão de voz directa, realizada em Taukerton, com o auxílio do médium John Webber, se obteve excelente prova da sobrevivência. Uma entidade falou com a senhora Dunsford, dizendo chamar-se John Edward Stead, irmão do grande jornalista W. T. Stead, de quem aquela senhora tinha sido secretária particular. O espírito do sogro da senhora Dunsford falou por voz directa e materializou a mão, que imediatamente foi reconhecida pela falta da parte do dedo indicador.

— «Eu te prometi que voltaria» — disse uma voz, chamando pelo nome da senhora Dunsford.

Esta promessa tinha sido feita pouco antes, através dum médium que ignorava esta projectada sessão.

— Desencarnou em Chicago, a directora da revista *The Occult Digest*, sr.^a Effa E. Danelson. A revista não volta mais a publicar-se.

— A Liga Espirita do Brasil, que mantém quatro escolas de ensino primário gratuito, com cerca de 500 alunos, inaugurou há pouco um ambulatório médico, destinado a todo o público em geral, sem distinção de raça, cor ou nacionalidade. É assim que o Espiritismo afirma o seu valor!

— A «Sociedade Propagadora do Espiritismo», da presidência do fogoso paladino Jarbas Ramos, acaba de iniciar uma série de conferências, a primeira das quais será realizada pelo escritor Zoláquio Diniz.

— A Rádio de Londres anunciou há meses que algumas tribus indianas deixaram de usar o símbolo da

DOS MÉDIUNS

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

A primeira e a mais importante das dificuldades com que, geralmente, depara o experimentador ao pretender iniciar o estudo prático do fenómeno espírita, é com a falta de um bom médium.

Fazer funcionar um Grupo Experimental em regime definitivo sem se dispôr de um médium ou médiuns verdadeiramente dignos dêsse nome e à altura da missão que são chamados a desempenhar, ou, pelo menos, não se procurar, constantemente, aperfeiçoar e mesmo substituir aquêles que não satisfaçam a estas condições, é condenar, de antemão, êsse Grupo, a uma morte certa.

Ao fim de uma ou duas dúzias de sessões de resultados nulos ou insignificantes, onde nada prende e emociona os assistentes, onde poucos ensinamentos colhem e nenhum progresso espiritual conseguem, começa o tédio a invadi-los, lentamente, e as deserções, sob os mais variados pretextos, principiam, pouco a pouco, a verificar-se.

E embora se recomece vinte vezes o trabalho de reorganização, procurando congregiar novos elementos

que satisfaçam as condições aconselhadas ⁽¹⁾, se essas reorganizações esquecerem o problema dos médiuns, vinte vezes se desorganizará o Grupo, insatisfeitos os seus componentes, e arrastados para onde lhes consta se conseguem melhores resultados, ou, o que é pior ainda, dispersando-se e perdendo o interêsse pelo Espiritismo.

Isto é muito vulgar, infelizmente; e tão vulgar que não temos conhecimento de que exista, entre nós, nenhum Grupo verdadeiramente integrado nos altos princípios da Doutrina e dando à Causa o rendimento que deveria dar.

* * *

Geralmente, quem resolve dirigir um Grupo Experimental, reúne meia dúzia de pessoas, arranjadas *ad hoc*, aceita o primeiro individuo que lhe aparece dizendo-se possuidor de qualidade mediúnicas, e vá de fazer sessões a torto e a direito, sem ordem, sem método, sem disciplina, sem curar mesmo de saber se essa pessoa, pelas suas qualidades morais, estará ou não à altura de servir a Causa com a seriedade, a elevação e o desinterêsse com que é mister servi-la. A ignorância, a inconsciência, o desrespeito pela Doutrina chegam, às vezes, até ao ponto de se aceitar médiuns cuja vida bastante acidentada sob o ponto de vista moral, é conhecida dos componentes do Grupo.

Trabalhando nestas condições, que resultados se pode esperar? Banalidades, embustes, mistificações, orientações erradas, embora tudo se apresente revestido duma linguagem aparentemente elevada.

Quem escolhe ou aceita o encargo de dirigir um Grupo Experimental não pode perder de vista que o primeiro dever que lhe incumbe é uma sã, racional e equilibrada propaganda da Doutrina Espírita e da sua fenomenologia, as quais não poderão ser feitas se os

cruz gamada, a pretexto de haver sido profanada por um país que fez da mesma cruz emblema de destruição.

— Desencarnou o Dr. Crandon, marido da célebre médium «Margery».

— Como todos sabem, a orientação dos pombos correios continua a ser um mistério indecifrável. Segundo o *New York Times Magazine*, as experiências provaram que aquela orientação é perturbada, quer obstruindo o ouvido às aves, quer obrigando-as a passar em zonas de emissão de ondas curtas.

— Em Jatahy-Goyaz, Brasil, acaba de fundar-se uma agência, com o fim de angariar assinaturas para revistas e jornais espíritas, brasileiros e estrangeiros. A agência é dirigida pelo confrade sr. Osório de Assis, que trabalha sem remuneração alguma.

— Foi inaugurada a Rádio Piratininga (P. R. H. 3), que funciona em 483,9 metros (620 kc.), no Estado de S. Paulo. A direcção desta emissora, é composta pelos seguintes confrades: Dr. Romeu Campos Vergal, Pedro de Camargo (*Vinicius*), Floriano Peixoto Costa, Odilon Negrão, Romeu do Amaral Camargo e D. Benedito Galvão, em conjunto com a União Federativa Paulista.

— A Liga Espiritualista Cristã «Greater World» compõe-se de 585 igrejas filiadas, com a população de 23.000 sócios e publica uma revista semanal, com suplementos em francês e alemão.

I. D. S.

(1) São as seguintes: a) Perfeita comunidade de vistas e de sentimentos; b) Simpatia e benevolência reciprocas; c) Exclusão de todo o sentimento contrário à verdadeira caridade Cristã; d) Desejo de se instruir e aperfeiçoar pelo ensino dos bons espíritos, e de aproveitar os seus conselhos; e) Concentração e silêncio respeitoso durante as comunicações com os espíritos (Vidé, no n.º 2 desta Revista — «Organização e Funcionamento dos Grupos Espíritas Familiares»).

seus esforços não se orientarem no sentido de conseguir que os médiuns que trabalham sob o seu controle, sejam tanto quanto possível, *bons médiums* ⁽¹⁾.

Portanto, quem não disponha de um médium já experimentado e de confiança e queira fazer Espiritismo com honestidade, procura descobrir e desenvolver uma mediunidade e nunca lança mão do primeiro que lhe aparece dizendo-se médium.

Essa descoberta e desenvolvimento só poderá conseguir-se com relativa facilidade e segurança se o Grupo estiver preparado convenientemente para isso, pois o desenvolvimento da mediunidade exige processos e ambiente inteiramente diferentes dos exigidos por outro género de trabalhos.

É evidente que não procede como argumento em contrário o facto de haver excelentes médiuns formados à margem de quasi todas as condições apontadas; esses, bem poucos, aliás, constituem a excepção. O que nos deve interessar, porém, é a regra, e essa nos diz e nos demonstra que um médium verdadeiramente à altura da sua missão não pode formar-se nem desenvolver-se num ambiente de ignorância e de atraso moral.

A pesquisa e desenvolvimento da mediunidade não é indiferente o grau de preparação moral, intelectual e científica dos componentes do Grupo, pois esse triplice conjunto facilita e garante os resultados.

* * *

O desenvolvimento de médiuns é tarefa a que quasi todos os experimentadores se abalam, mas em que raros, raríssimos, colhem resultados satisfatórios, umas vezes por falta de conhecimentos próprios, outras por pouca tenacidade, outras ainda por insuficiência de condições de ambiência, e quasi sempre, por estas razões todas juntas.

O Grupo Experimental que melhores garantia oferece para um regular desenvolvimento de mediunidades, será aquêle em que o seu director esteja convenientemente preparado para o exercício do seu delicado cargo e os componentes instruídos e convictos do papel que ali são chamados a desempenhar.

Sabido que o ambiente mais favorável ao desenvolvimento da mediunidade é aquêle em que a concentração seja perfeita, indispensável se torna conseguir que os componentes do Grupo saibam concentrar-se convenientemente, e mantenham, tanto quanto possível constante e homogênea essa concentração, durante todo o tempo que durar a sessão. É esse o seu papel, a sua obrigação, e é mister cumpri-la com escrupuloso cuidado.

Não devem, portanto, fazer parte de um Grupo

que esteja desenvolvendo mediunidades, senão pessoas bastante experimentadas e cuja curiosidade já satisfeita foi substituída por uma convicção forte e sincera.

Pode acontecer que logo nas primeiras sessões se revele, por pequenos indícios, alguma das mais frequentes mediunidades: a escrevente ou a da encorporação. Ao director do Grupo incumbe, então, graduar e orientar no melhor sentido essas faculdades e, sem perder de vista o constante aperfeiçoamento da concentração, deve iniciar, imediatamente, a educação da vontade do médium que se revela, a fim de o habituar ao conhecimento e controle dos espíritos que dele se abeiram, ensinando-o a defender-se daquêles cuja presença lhe possa ser prejudicial.

Só em casos especiais e com prévia autorização do Guia espiritual, o director do Grupo poderá empregar o magnetismo para favorecer o desenvolvimento de qualquer mediunidade, ou para provocar o seu aparecimento, visto que, ao contrário do que geralmente se pratica e aconselha, o médium deve adoptar uma atitude activa, de domínio próprio; doutra forma, a sua vontade será obliterada por fluidos magnéticos extranhos e não poderá, portanto, exercer convenientemente o seu controle.

⁽¹⁾ Segundo Allan Kardec os *bons médiums* dividem-se em: *Médiuns sérios*, todos os que se servem da sua faculdade para o bem e para tudo quanto é útil; julgam profaná-la servindo-se dela para divertir os curiosos e indiferentes, ou para futilidades. *Médiuns modestos*, aquêles que se não vangloriam com as comunicações que recebem, por muito boas que sejam; consideram-se extranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de fugirem aos conselhos desinteressados, solicitam-nos. *Médiuns devotos*, os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar os seus gostos, hábitos, prazeres, tempo, e o próprio interesse material, em benefício de outrem. *Médiuns seguros*, os que, além da facilidade de execução, merecem mais confiança, pelo seu próprio carácter, natureza elevada dos espíritos que os assistem, estando, por isso, menos expostos a serem enganados.

Padre cristão é uma denominação contraditória: o objectivo histórico para o qual tende o cristianismo é a abolição de qualquer sacerdócio interpôsto entre o homem e a verdade.

Chevalier Le Clement de St.-Marcq

Pode-se descender, por graus quasi insensíveis, desde a criatura mais perfeita até à matéria mais infima, desde o animal mais bem constituído até o mineral mais bruto.

Buffon

Nada nasce do nada. Toda a acção presente tem as suas raízes no passado.

Darwin

Vocabulário de metapsíquica

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

Absefalésia — Insensibilidade às queimaduras. O médium Home pegava em braças e punha-as sobre a cabeça ou na palma da mão, segundo o testemunho de Wallace. Sinónimo de *apiropatia*.

Aeromância — Processo adivinhatório que se baseia na direcção do vento.

Aerosoma — Termo empregado por Lancelin para designar os corpos psíquicos do homem, mais ou menos equivalente a *perespírito* ou *corpo etéreo*.

Alectromância — Processo adivinhatório que se funda no vôo das aves.

Apport — Passagem da matéria através da matéria. Verifica-se este fenómeno, quando qualquer objecto material aparece ou desaparece de um recinto completamente vedado, por meios supranormais.

Asinápsia — Designação atribuída por Bret aos fenómenos metérgicos produzidos sem contacto, mas por meio de um instrumento visível, como por exemplo a escrita produzida por uma forma ectoplásmica.

Assombramento — Aparição ou qualquer outra manifestação metapsíquica ligada a determinado local onde se produz periodicamente.

Aura — Nuvem mais ou menos luminosa que envolve todos os corpos e designadamente o corpo humano, a que Reichenbach deu o nome de *corpo ódico*, e que parece ser constituída de radiações etéricas em que se reflecte a actividade psíquica. As colorações das auras deram lugar a notáveis investigações por parte de Leadbeater.

Autoscopia — Termo empregado por Féré para exprimir a faculdade que certos sujeitos sonambúlicos apresentam de verem os seus órgãos internos (autoscopia interna de Du Potet) ou os de outros indivíduos (autoscopia externa de Sollier).

Bicorporeidade (ou bilocação) — Aparecimento simultâneo do mesmo indivíduo em dois lugares distintos. Foram factos desta natureza que contribuíram para a canonização de António de Pádua e Afonso de Ligório.

Cartomância — Adivinhação pelas cartas de jogar.

Catalepsia — Um dos três estados que, segundo Charcot, caracterizam o «grande hipnotismo». Abolição da sensibilidade e da motilidade.

Catoptromância — Adivinhação por meio de espelhos ou de uma bola de cristal. Parece que o espelho ou a bola de cristal têm por função excitar as faculdades supranormais (*criptestésia* ou *metagnomia*) ou provocar alucinações verídicas, isto é, que correspondem a factos autênticos.

Clariaudiência — Percepção nítida de palavras e sons, produzidos fóra das condições normais de audição.

Clarividência — Percepção de objectos ou de acontecimentos em condições que a tornam inexplicável por processos normais. Os antigos magnetizadores, que foram os primeiros a observar este fenómeno, davam-lhe também os nomes de *lucidez* e *dupla vista*. Veja-se *criptestésia*.

Coliminar — Termo proposto por Hyslop, equivalente ao *supraliminar* de Myers.

Correspondência cruzada — Mensagem supranormal obtida por diferentes médiuns, cada um dos quais obtém parte dela que por si só não forma sentido e precisa da outra parte para se tornar inteligível.

Criptestésia — Faculdade que, segundo Richet, permite adquirir conhecimentos supranormais. Sensibilidade oculta. Richet distingue várias formas de *criptestésia*: *pragmática*, que corresponde à *metagnomia táctil* de Boirac (veja-se *hilognósia*); *espiritica* equivalente à *metagnomia spiritica* de Sudre.

Cripto-estésia — Termo criado por Flournoy («*Esprits et Médiuns*») para designar a sensação que se não converte em percepção, mas fica registada na memória subconsciente (*criptomnésia*). Não confundir com a *criptestésia* de Richet.

Criptestésia pragmática — Designação proposta por Richet em substituição do termo *psicomетria*, para exprimir a percepção do que há oculto nas coisas. Veja-se *metagnomia*.

Criptografia — Escrita directa, isto é, escrita que se produz por via supranormal, como por exemplo, a que se tem obtido em ardósias unidas e seladas.

Criptomnésia — Nome pelo qual Flournoy designa a memória subliminar de Myers. Compreende tudo o que passou pelo sensorio sem afectar a consciência e tudo o que chegou a ser consciente mas se esqueceu. Veja-se *metamnésia*.

Criptopsiquia — Termo empregado por Boirac para designar os fenómenos em que «parece manifestar-se uma acção inteligente, uma acção psíquica, sem que, entretanto, o sujeito em que ela se manifesta tenha, em qualquer grau, consciência de exercer essa acção». Binet emprega este termo para designar os fenómenos espiritistas.

Diapsiquia — Designação atribuída por Boirac aos fenómenos de *telepatia*.

Duplo — Reprodução etérica dos corpos físicos. Perespírito. Para os egípcios todos os seres vivos, bem como os objectos inanimados, tinham o seu duplo. «O duplo de uma cadeira ou de um leito é verdadeiramente uma cadeira ou um leito para o duplo de um homem» (Maspero: *Lectures Historiques*, pág. 155).

Ectoplasma — Substância de cor branca ou acinzentada, plástica, dotada de grande mobilidade, com que se produzem as materializações de entidades metapsíquicas.

Ectoplasma (ou *ectoplastia*) — Nome pelo qual Richet designa as materializações fantasmáticas. Myers emprega o termo *ectoplásia*. Veja-se *teleplastia*.

Electricidade animal — Designação dada pelo Dr. Pététin ao magnetismo animal.

Electro-dinamismo vital — Hipótese formulada pelo Dr. Philips (Durand de Gros) para explicar os efeitos magnéticos.

Encorporação — Apropriação do organismo físico do médium por uma entidade metanóica. Possessão.

Endometaplásia — Termo proposto por Bret para designar os fenómenos de *transfiguração*.

Escotografia — Impressões metapsíquicas obtidas em películas fotográficas. (Scatcherd).

Escrita automática — Escrita produzida inconscientemente. Também se lhe dá o nome de escrita mecânica. Bret criou o termo «*metagrafia*» para a designar.

Escrita directa — Veja-se *criptografia*.

Espirítide — Termo empregado por Boirac para qualificar os fenómenos que parecem produzidos por espíritos.

Estados hipnóticos — Charcot (escola da Salpêtrière) distingue, no «grande hipnotismo», três estados característicos: letargia, catalepsia, sonambulismo. Bernheim (escola de Nancy) nega a lei dos três estados, atribuindo estes a sugestão.

Estigma — Fenómenos cutâneos produzidos por sugestão. Algumas religiosas apresentam os estigmas da paixão de Cristo e chegam a exsudar sangue pelas mãos.

Exteriorização da sensibilidade e da motricidade — Experiências efectuadas por Rochas e confirmadas por outros experimentadores, entre eles o Dr. Joire.

Fôrça psíquica — Nome dado por Crookes ao magnetismo animal. O Dr. Baréty chama-lhe *fôrça nêurica radiante*; o Dr. Morselli designa-a por *fôrça bio-dinâmica*; o prof. W. Barret dá-lhe o nome de *fôrça ectênica*.

Frenologia — Sistema imaginado por Gall que procura conhecer as faculdades e aptidões, através da conformação do crânio.

Freno-hipnotismo — Tentativa efectuada por Braid para associar o hipnotismo à frenologia.

Glossolália — Termo criado pelo prof. Flournoy para designar o automatismo vocal articulado duma linguagem de fantasia, tal como a «*linguagem marciana*» de Helena Smith.

Hidroscopia — Percepção de correntes de água subterrâneas e de filões metálicos. Rbdomância. Forma especial de hilognósia.

Hiloclastia — Termo empregado por Sudre para designar «acções que se passam numa escala muito pequena, molecular ou talvez corpuscular, como no caso de certos *raps* interiores e na dissociação da matéria».

Hilognósia — Percepção de corpos inacessíveis aos sentidos, ignorados ou perdidos. Termo equivalente a *psicomетria*, *metagnomia*, *telestésia*, *criptestésia*, *clavividência*, *lucidez*, *dupla vista*. (Veja-se *hiloscopia*).

Hiloscopia — Termo criado por Boirac para designar os «fenómenos em que a matéria parece exercer, sobre seres animados, principalmente sobre seres humanos, uma acção que não parece completamente explicável pelas suas propriedades físicas ou químicas já conhecidas e que parece, por consequência, revelar nela uma fôrça irreductível a todas as que a ciência tem estudado até agora». Compreende os fenómenos de percepção de correntes subterrâneas (*rbdomância*); a influência dos ímans sobre os sujeitos hipnóticos, reconhecida pelos antigos magnetizadores e pela escola de Charcot; a influência dos metais, estudada pelo Dr. Burcq com os nomes de *metaloscopia* e *metaloterapia*, etc.

Hipotaxia — Designação atribuída por Durand de Gros ao hipnotismo.

Hipóteses metapsíquicas — *Hipótese alucinatória*: atribue a alucinações as supostas percepções *supra-*

normais como a visão de fantasmas e a audição de vozes ou ruídos como os que se produzem em casas assombradas. — *Hipótese das coincidências fortuitas* (com que Vaschide pretende explicar os casos de telepatia) considera que entre a aparição e o facto a que ela se refere não há nenhuma relação de causalidade mas de mera coincidência. — *Hipótese da desagregação psicológica*: sustenta que as personalidades múltiplas observadas nos histéricos e nos médiuns são devidas à formação de centros psíquicos adventícios que, por circunstâncias ocasionais, tomam um desenvolvimento considerável e revestem o aspecto de novas personalidades. — *Hipótese da latência* (imaginada por Gurney e Myers) pretende explicar pela acção telepática dos moribundos as manifestações póstumas destes; suponha-se então que as impressões transmitidas pelo moribundo ficavam latentes durante algum tempo no espírito do percipiente, antes de tomarem a forma de alucinação. — *Hipóteses dos movimentos musculares inconscientes*: (proposta por Chevreul) consiste em supor que o movimento das mesas ou da vareta adivinhatória (de que os vedores se servem para descobrirem toalhas de águas subterrâneas) é devido a concentrações musculares inconscientes. — *Hipótese dos resíduos*: (imaginada por Gurney para reforçar a hipótese telepática) segundo a qual há uma certa base de manifestações físicas que sobrevive temporariamente à morte do corpo e seriam esses resíduos que produziam os fenómenos telepáticos relativos a pessoas falecidas muito tempo antes, de modo a invalidar a hipótese da latência. — *Hipótese da ruminação*: (proposta por Dingwall) pretende explicar os fenómenos de materialização supondo que o médium esconde no estômago ou no tubo digestivo as imagens e objectos que aparecem nas sessões e regorgita no momento próprio, voltando depois a ingorgitá-los. — *Hipótese telemnésica* (Hyslop): atribue as informações de carácter supranormal a uma leitura feita pelo percipiente no subconsciente de pessoas afastadas com as quais esteja em «relação psíquica». — *Hipótese telepática*: consiste em admitir que as aparições fantasmáticas são devidas à transmissão de pensamento do cérebro do agente ao cérebro do percipiente e não correspondem a nenhum fenómeno de natureza objectiva. — *Hipótese teleplástica* segundo a qual os fantasmas são produzidos pela acção plasticizante do pensamento do médium ou dos assistentes exercendo-se a distância. — *Hipótese telérgica* supõe que os fenómenos físicos da metapsíquica são produzidos por uma fôrça (a que têm sido dados diversos nomes: psíquica, bio-dinâmica, nêurica radiante, ectênica, ôdica, magnética) que se exterioriza do médium e provavelmente dos assistentes. — *Hipótese telestésica* consiste em supor que o homem é dotado de uma sensibilidade especial (*criptestésica*) que lhe permite receber sensações ou adquirir conhecimentos a distância sem ser por intermédio dos órgãos normais dos sentidos, e sem que a fonte de informações seja o subconsciente de outras pessoas.

Ignognósia — Termo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal que se obtém por contacto de um objecto que tenha qualquer relação com o acontecimento a que se refere. Equivalente a *psicomетria* (Buchanan e Denton), *criptestésia pragmática* (Richet), *metagnomia táctil* (Sudre).

Ideoplastia — Designação dada por Durand de Gros à impressão produzida pelas ideias nos sonâ-

A evolução e o pensamento criador

por Seravat

NO plano Astral existe toda a força que nos faz agir. Essa força está em nós. O ar, ou fluido imponderável de que vivemos, é o mesmo. Os cambiantes que se reflectem em nossa volta, são os mesmos que vêm marcar em nossas voltas, as notas do nosso procedimento. Sucede, porém, muita vez que a evolução da matéria animal prejudica a visão do corpo astral. Para que se possa comprovar a existência do mérito alcançado pela alma anexa ao corpo físico, torna-se mister exteriorizá-la. Existem côres, que se alteram com a aproximação dos gases que se evaporam pela epiderme e, assim, repito, só por meio da exteriorização do corpo astral vós podeis obter uma demonstração verdadeira da vossa evolução anímica.

Sondai o terreno em que haveis de construir, tirai dele o que puder ser causa de ruína e não vos preocupeis com demonstrações teóricas. A análise deve ser prática. Fazei a reacção química dos gases efervescentes que penetram no vosso organismo, fazendo o precipitado com a acção vital do vosso pensamento. Radiografai-vos, perante a vossa consciência. Rasgai fundo as vestes que foram manchadas, e, cobri-vos com o manto purpúreo tingido pelo sangue que corre das feridas dos vossos adversários! É assim que podereis formar os delicados matizes com que em volta do vosso corpo astral se forma a auréola que vos adorna. Nós vivemos lutando contra a má vontade de muitos que nos rodeiam e pretendem retardar os nossos passos. Somente aquêle que já é puro e se encontra, por esse motivo, livre da matéria ponderável, pode viver na quietação e gozar a paz do Justo.

Formas diáfanas e resplandecentes de luz vêm até nós. Essas formas, às quais, com razão, chamamos entidades superiores, são Pensamentos criados pela Vontade Onnipotente. Eles dão-nos um pseudônimo ou um nome conhecido entre nós, para prender a nossa

atenção e satisfazer o nosso desejo, e ainda para que possamos assimilar.

A realidade, porém, dessas demonstrações, é a criação espontânea dessas formas. A emissão de fluido etéreo faz-se através dessas criações e a sua acção vibra no cérebro do passivo. Nestes casos, a comunicação invisível é directa. O cérebro é iluminado e fortalecido e reproduz. Deixa de ser influenciado pelo Pensamento que a ele se anexou, e passa a ser pôsto em acção pelo fluido que é estável e penetra quando quere.

A luz do espírito manifesta-se actuando sobre a inteligência do homem. Corpos celestes se dispõem por forma a dirigir a corrente fluidica e a torná-la mais ou menos intensa, segundo o grau de evolução daquêle a quem é dirigida. Todo o trabalho do homem na absorção dos fluidos etéreos consiste unicamente numa concentração profunda. Então o livro da sabedoria natural se abre ante sua inteligência e as palavras escritas nessas páginas vão gravar-se no cérebro que as colige e reproduz. Os pensamentos que flutuam no espaço que medeia entre os mundos habitados e o fluido etéreo, são os matizes de que se serve o Grande Arquitecto para o movimento cadenciado de todas as forças de que é composta a parte efervescente da matéria constitutiva da Natureza. Cada um desses pensamentos, segundo o seu grau de evolução ou densidade, actua sobre uma dessas forças. São numerosas as gradações desses pensamentos, ou almas, cuja existência é oriunda duma dessas forças.

Os átomos concretizados pela força etérica tomam formas diversas, e são modeladas pela força que conheceis e denominais «o Poder da Vontade». Essa força é que mais de perto vos acompanha e aquela de que tendes a faculdade de dispor em mais alto grau.

O corpo astral agrega a si os gases em efervescência, envolve-se nêles, condensa-os pelo poder da sua vontade, e dá-lhes a forma que quere.

O seu poder, porém, é limitado e variável. Quanto mais rarefeita é a matéria em evolução, mais leve e diáfana é a forma criada. Cada pensamento age por si próprio e a sua evolução é mais ou menos rápida, consoante a força de que esse pensamento dispõe. A intervenção do Poder Onnipotente faz-se pela mesma forma que é feita em vós.

Preparai, pois, as vossas almas, e exemplificai. É pelo exemplo que deveis moralizar. Cada um de entre vós, dentro da sua própria casa, pode ser um instructor e um guia.

Caminhai desassombradamente por entre a multidão dos que sofrem e aliviá-los. Em toda a parte o podeis fazer. Todos os momentos vos são favoráveis. Tudo o que em vossas almas conceberdes de Bom e de Belo servirá de armamento ao vosso corpo astral. Todos os vossos coloridos, todos os vossos matizes irão adornar e servirão para atrair e envolver em seus cambiantes as almas daqueles que buscam a Luz e a Verdade.

bulos. Ochorowickz empregou esse termo para exprimir «a realização fisiológica de uma ideia». Modernamente, dá-se ao termo «ideoplastia» um sentido mais lato, exprimindo qualquer acção plástica do pensamento sobre a matéria. Bret propõe o termo *ideoplastia*, que considera mais adequado.

Karma — Termo sanscrito, que exprime a lei de causalidade psíquica e estabelece o mecanismo da justiça imanente.

Letargia — Estado caracterizado pela abolição dos sentidos. Uma das fases da hipnose, segundo Charcot.

Levitação — Elevação de um corpo no espaço, sem contacto aparente, ficando suspenso, como se estivesse subtraído à acção da gravidade.

Licantropia — Faculdade que se atribue a certos feliceiros de se transformarem em lobos. Lobis-homem.

(Continua)

NOTICIÁRIO

Estudos Psíquicos e a Imprensa

Damos, a seguir, mais algumas referências à nossa revista, feitas pelo quinzenário *Vítimas da Guerra*, de Lisboa, e *A Reincarnação*, de Porto Alegre.

De *Vítimas da Guerra*:

«Recebemos a visita da publicação que, sob o título de *Estudos Psíquicos*, e com colaboração de nomes ilustres nos vários sectores da vida social portuguesa, é órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

«O presente número (2, relativo a Novembro-Dezembro de 1939), com 32 páginas de texto dividido por 19 epígrafes gerais, deixou-nos uma excelente impressão de agrado absoluto, após ter-nos atraído a atenção e interesse e o lermos inteiramente, sendo certo que tal facto tem seu significado especial, se se levar em conta que nem dispomos de muito tempo, nem estamos iniciados nos estudos da especialidade, de que só vagamente tínhamos notícia. Agora, sinceramente confessamos apresentarem-se-nos como dignos de meditação e estudo.

«Boa apresentação gráfica, formato elegante, redacção, exposição e revisão cuidadas do texto, variedade de assuntos, dentro do especial sector doutrinário a que se dedica, só temos louvores a endereçar à nossa amável visitante, com a qual *Vítimas da Guerra* permutará com prazer e vantagem, endereçando os melhores cumprimentos ao seu pessoal efectivo de redacção, srs. Isidoro Duarte Santos, director e proprietário, e Dr. José Joaquim Gaita, secretário, e a um dos colaboradores que também o é do nosso jornal e na própria revista a que nos estamos referindo verificamos ser ali tão apreciado, como em *Vítimas da Guerra* — o nosso distinto camarada sr. coronel Faure da Rosa, pessoa de preclaras virtudes e amiga, a quem supomos dever a gentileza de ter promovido a permuta, com que em todos os sentidos temos a ganhar e que, por isso, agradecemos».

De *A Reincarnação*:

«Iniciou a sua publicação em Lisboa, Portugal, mais um órgão espirita denominado *Estudos Psíquicos*, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

«Esta revista de estudos científicos obedece à orientação dos confrades srs. Isidoro Duarte Santos, José Joaquim Gaita e Pedro Dias de Sousa.

«Temos sobre a mesa o n.º 1, que trás belíssima matéria e desenvolvimento noticiário».

A estes dois órgãos, os nossos agradecimentos e votos de longa vida.

As nossas Conferências

Realisou-se, no dia 25 de Fevereiro, na Sede da Sociedade Teosófica, a conferência intitulada «As materializações de Katie King», a que, por lapso, nos não referimos no último número.

Foi conferente o Dr. Pedro Dias de Sousa, que

fêz acompanhar de projecções luminosas a sua eluciativa exposição.

— O Presidente do Conselho Fiscal, Sr. Manuel Tavares, realizou, no dia 19 de Maio, na nova Sede do Centro, uma conferência a que deu o título de «Médiuns e Fraudes». Depois do seu interessante trabalho, o conferente demonstrou praticamente que a fraude espirita assenta, principalmente, em fenómenos de ilusionismo e de prestidigitação, os quais não resistem aos mais elementares processos de controlo.

Subscrição pró-Séde

Os donativos continuam a afluir. A fé dos espiritas portugueses está connosco. Registamos mais os seguintes donativos:

Transporte do número anterior...	1.650\$00
J. Vendrell...	600\$00
Dr. José Joaquim Gaita ...	120\$00
Dr. L. F. L. P. ...	120\$00
Custódio Rodrigues ...	70\$00
D. Maria dos Milagres Carvalho	50\$00
D. Elisabeth Valdez ...	50\$00
José Augusto Gonçalves ...	60\$00
F. H. S. F. ...	100\$00
Produto da subscrição aberta pela nossa irmã D. Maria Ivone de Abreu, entre Confrades e simpatizantes da Doutrina Espirita:	
Francisco Andrade ...	30\$00
Fernando Nunes ...	20\$00
D. Maria Ivone de Abreu ...	20\$00
Henrique Horta ...	30\$00
Cordato Batalha Neto ...	5\$00
D. Beatris Marques Pereira ...	5\$00
D. Júlia Branco ...	20\$00
Artur Levy Gomes ...	7\$50
Total ...	2.957\$00

Jogos florais espiritualistas

Fazendo parte do programa a executar, em 9 de Novembro p. f.º, por ocasião da inauguração oficial da nova Sede, realiza o Centro E. Luz e Amor «Jogos Florais Espiritualistas», a que podem concorrer, com trabalhos inéditos, todos os poetas e prosadores espiritas portugueses e brasileiros. As produções, em prosa e verso, mas de acentuado cunho espiritualista, serão assinadas com pseudónimo e enviadas à Sede do Centro, até ao dia 15 de Outubro, em sobrescrito fechado, com a seguinte indicação: «Jogos Florais Espiritualistas de 1940». Acompanhará este sobrescrito um outro *fechado e lacrado*, contendo o nome e morada do concorrente e exteriormente, além do pseudónimo, a mesma anterior indicação.

O júri, composto pela direcção do Centro, atribuirá

alguns prémios e os trabalhos premiados serão publicados em *Estudos Psíquicos*, segundo o espaço disponível.

Nova Sede

A inauguração oficial da nossa Sede só terá lugar no dia 9 de Novembro p. f.^o, para que essa solenidade coincida com a do primeiro aniversário do regresso à actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor e com a 5.^a Reunião de Confraternização da Família Espirita. O programa será publicado, oportunamente.

Passeio à Trafaria

No dia 4 de Agosto (domingo), o Centro E. Luz e Amor realizará um passeio à Trafaria. A inscrição é de 5 escudos por pessoa e pode ser feita na sede do Centro, ou por intermédio do nosso confrade sr. Amorim.

Sessões experimentais

A partir do dia 13 de Outubro, o Centro E. Luz e Amor dará começo às sessões experimentais, sendo a abertura dos trabalhos às 21,30 prefixas. Como a admissão é exclusivamente reservada aos sócios e estes devem ser portadores do cartão de identidade, lembramos a todos aqueles que ainda o não possuem a conveniência de nos enviarem, com brevidade, duas fotografias de modelo adequado.

Caixa de propaganda

Foram recebidos mais os seguintes donativos:

Transporte	141\$00
Do confrade A. J. Amorim	54\$00
De A. B. C. G.	2\$50
D. Micaela da Conceição	5\$00
D. Leonor da Costa	2\$50
Saldo do passeio a Cabo Ruivo ...	27\$20
Total	232\$20

Valioso donativo

De F. M. G., Rio de Janeiro, recebemos em devido tempo, por intermédio dum amigo residente em Lisboa, a quantia de 3.157\$00 escudos, destinados ao Centro Espiritualista Luz e Amor e à revista *Estudos Psíquicos*. Muito e muito agradecidos.

Juventude Espírita

Do passeio a Cabo Ruivo, a que nos referimos noutra lugar, nasceu a ideia da formação dum grupo, composto de confrades de ambos os sexos, cujo objectivo é fazer a propaganda do Ideal por todos os meios ao seu alcance e angariar sócios para o Centro E. Luz e Amor e assinantes para a nossa revista. Este grupo já apresentou o seu Regulamento à Direcção do Centro, o qual será apreciado convenientemente. Pelo significado moral deste empreendimento e pelo entu-

siasmo que lavra entre a juventude do Centro, é de esperar que grande número de sócios venham ingressar nas nossas fileiras. *Audaces fortuna juvat...*

Grupos Familiares

Podem funcionar na Sede do Centro, de acordo com o respectivo Regulamento, os Grupos Familiares que o solicitem à Direcção.

Férias

De 31 de Julho a 12 de Outubro decorrem as férias do nosso Centro, não havendo nêsse espaço de tempo quaisquer trabalhos.

Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, a realizar em Julho, às 15,30, na Rua do Salitre, 149, 1.^o D.

Dia 14 — Conferência pela sr.^a D. Dinah dos Santos Lima, intitulada «Como eu compreendo a solidariedade».

Dia 28 — Conferência pelo sr. Óscar de Abreu Leitão, intitulada «A sobrevivência da alma».

Pela imprensa espírita

O grande e popular semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, publicou em 4 de Abril um número especial, comemorativo do seu oitavo aniversário e extensivo ao aniversário da desencarnação de Allan Kardec. Nêsse número, colaboraram, em lugar de relêvo, o director, o secretário e o editor desta revista, bem como o Dr. Sebastião Elviro Martins e Manuel Tavares, como homenagem do Centro E. Luz e Amor e de *Estudos Psíquicos* a *Mundo Espirita* e ao Mestre Allan Kardec. O Director daquele jornal antecedeu a nossa colaboração com palavras amáveis que revelam a profunda estima e simpatia que lhe merece a nossa modesta obra.

A *Mundo Espirita*, as nossas felicitações e sinceros agradecimentos.

Mudanças de residência

Pedimos a todos os estimados assinantes o favor de nos enviarem o enderêço, sempre que mudem de residência, a-fim-de não sofrerem interrupção na remessa da nossa revista.

Transcrições

O Trabalho, de Viseu, transcreveu, da nossa «Crónica Estrangeira», as seguintes nótulas: «Médico que ausculta um espírito materializado», «Uma sessão chinesa», «Anúncio de reencarnação confirmada pelos factos», «Sessão curiosa: a cada um o seu chapéu», «O Espiritismo regenera» e «O caso do médico incrível», contado pelo nosso colaborador sr. coronel Faure da Rosa, no seu artigo «Balzac e os fenómenos supranormais».

Gratos pela deferência.